



Aventura Teen

CPAD

Despachado — para a — China

HUDSON TAYLOR

Caso ele
escapasse,
isso poderia
ser considerado
motim?

DAVE & NETA JACKSON

DESPACHADO PARA A CHINA
HUDSON TAYLOR

DAVE & NETA JACKSON



CPAD

Digitalizado por Zica

LANÇAMENTO



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Todas as personalidades históricas adultas mencionadas neste livro, assim como suas experiências, são reais. Contudo, os relatórios ingleses somente identificam o capitão e não os demais membros da tripulação do Dumfries. Assim, criamos um nome para o primeiro oficial e para o camareiro negro. Para por a salvo a história, alteramos a ordem de alguns fatos, e o tempo transcorrido na China foi condensado em um ano, enquanto os fatos realmente ocorreram durante os primeiros dois anos e meio de ministério de Hudson Taylor naquele país.

A corte de Hudson Taylor à Maria Dyer ocorreu essencialmente conforme descrito na história, embora tivesse ocorrido em Ningpo, uma cidade ao sul de Xangai.

Neil Thompson e Yang Namu, assim como suas específicas interações com Hudson Taylor e outros personagens, são fictícios, muito embora um servo de Taylor o tivesse roubado durante uma viagem ao interior.

DAVE & NETA JACKSON são casados e, juntos, têm escrito muitos livros sobre casamento, família, igreja e outros temas afins, incluindo-se: "Em Fogo, por Cristo: Histórias do Espelho dos Mártires", e as séries "Pet Parables" e "Caring Parent". Têm três filhos: Julian, o ilustrador da série Trailblazer (Aventura Teen, no Brasil), Rachel, que está em uma curta missão em Honduras, e Samantha, sua filha adotiva que é cambojana e está cursando o período secundário.

Têm seu lar em Evanston, Illinois, onde são membros ativos da Igreja de Reba Place.

Sumário

Uma paulada na cabeça	6
A temível luz em Holyhead.....	19
Bem alto, sobre o mar.....	34
Ao mar!.....	53
Só atiraremos em você! Não o torturaremos!.....	69
O naufrágio do bom navio Dumfries.....	85
Pés amarrados e foguetes do céu	99
A tumba do morto-vivo	114
Traição na cidade fortificada.....	130
A longa estrada de volta	142
O furacão dos apaixonados.....	154
A passagem no Geelong	169
Um pouco mais sobre Hudson Taylor.....	179

Capítulo I

Uma paulada na cabeça

Acordei em uma cama estranha e então me lembrei: era o dia 19 de setembro de 1853 e eu estava em Liverpool, Inglaterra. Também me lembrei, com um profundo desapontamento, que vovô Thompson estava de cama, doente, e não poderia me levar às docas.

Somente minha avó havia ido encontrar-me na estação de trem, na noite anterior. Depois de um abraço bem apertado, ela explicou-me:

Eu sei, Neil, que vindo do campo, seu coraçãozinho

anseia para ver os navios amanhã, mas, você vai ter que esperar até que o capitão se sinta melhor.

Tudo bem! Eu posso esperar! — assegurei-lhe, mas, na manhã seguinte, não me sentia com tanta paciência assim.

Meu avô era um capitão do mar e havia passado a maior parte de sua vida viajando; eu só o

tinha visto uma vez, antes. Mas, agora que havia se aposentado, me convidara a vir passar uns tempos com ele e minha avó.

"Vou lhe mostrar todos os navios do porto e apresentá-lo a todos os capitães" — tinha prometido em sua carta.

No entanto, ele estava doente...

Pulei da cama e olhei para fora, pela pequena janela redonda. Era igual a escotilha de um navio. Um monte de coisas na casa de meus avós tinha vindo de navios ou do mar. Havia brilhantes lampiões de latão polido do lado de fora da porta de entrada, uma grande concha e um óculo de alcance sobre o consolo da lareira e um mapa do mundo na parede. As vigas do teto nos quartos eram baixas e escuras, e o "corrimão" que servia à pequena escada que levava ao quartinho, onde eu havia dormido, nada mais era do que uma corda frouxa. Eu adorava tudo isso. Desejava muito ir também para o mar, algum dia.

A manhã estava brilhante, mas enevoadada. Da minha janela, os telhados das casas da vizinhança pareciam balsas na névoa prateada. Logo, logo, o sol transformaria tudo isso em um dia claro.

Por que esperar pelo vovô? — pensei — O mar não deve ficar tão distante assim. Posso até sentir o cheiro penetrante do ar salgado. Aposto que posso encontrar as docas com muita facilidade!

Sem perder tempo, escapuli da casa sem que vovó me visse e andei para a zona portuária. Jamais havia imaginado que pudesse haver tantos navios. Passei por cerca de trinta deles — grandes e pequenos — e havia mastros de navios até onde minha vista podia alcançar no rio Mersey, que era onde ficava o porto de Liverpool.

Isso era fantástico! Eu nem podia esperar até que vovô ficasse melhor e pudesse me levar a bordo de alguns dos navios para conhecer os capitães.

Parei ao lado de um pequeno clipper — veleiro muito veloz. O nome Dumfries estava pintado em sua proa. A tripulação parecia estar pronta para zarpar e então, subi sobre um barril, para observar. Logo o sol surgiu através da névoa e vi que algumas pessoas andavam pela prancha de desembarque. Quando alcançaram a doca, voltaram-se e acenaram para um passageiro — um homem jovem, aparentando cerca de vinte anos — o qual permanecia parado na amurada do navio. Eu me perguntava para onde estaria ele indo... aquele

sortudo. De repente, um oficial do navio (pude ver que era um oficial pela farda espalhafatosa que vestia) gritou:

— Onde está o grumete? Está na hora de zarpar e ele não está em lugar algum!

O homem chegou até a amurada e olhou para todos os lados da doca, então, gritou para dois marinheiros que estavam no cais prontos para liberar as enormes cordas que mantinham o navio preso no ancoradouro.

— Vocês aí, homens! Nós estamos sem grumete! Ele apontou com a cabeça em direção à doca e disse:

— Tratem disso!

— Sim, sim, senhor!

Nesse momento, notei que uma das mulheres que se encontrava na doca estava soluçando e limpando os olhos em seu lenço. O passageiro gritou, lá do convés:

— Não chore, mamãe. Estarei de volta logo, logo! Estava sentindo pena da mulher quando, repentinamente, fortes braços me agarraram por detrás e me puxaram do barril. Em instantes, estava sendo carregado pelos dois marinheiros em direção ao navio.

Sou alto para um menino de doze anos e lutei com todas as forças, mas não consegui nada. Não podia me libertar daquele aperto tão firme. Quando senti que subíamos, aos trancos, a prancha de desembarque, comecei a gritar por socorro.

— Ei, o que vocês estão fazendo com esse menino? — gritou alguém.

Nesse momento, algo bateu em minha cabeça e tudo ficou escuro.



Quando acordei, pela segunda vez naquela fatídica manhã, não estava na confortável cama de hóspedes de minha avó. O lugar era pequeno e escuro, não muito maior que um depósito de carvão. A parte de trás de minha cabeça doía muito e me sentia tonto. Não levei muito tempo para entender que estava a bordo do Dumfries, a caminho do mar.

— Deixem-me sair daqui! — gritei com todas as forças. Chamei por socorro inúmeras vezes sem obter qualquer resposta. Tentava não entrar em pânico, mas estava mortalmente assustado. Por que havia sido agarrado e levado para bordo? Agora eu sabia que deveria ter esperado por vovô para vir até

as docas, mas não havia feito nada de errado — só me sentara naquele barril, observando...

Então, lembrei-me do oficial gritando que o grumete havia sumido e dizendo aos dois marinheiros para "tomarem conta disso" — apontando para mim! Eu estava realmente assustado. Não queria ser um grumete — não agora, não dessa maneira!

Comecei a chutar a rude parede. Talvez encontrasse uma tábuia solta ou uma porta que pudesse abrir a pontapés. Vezes sem conta, chutei as tábuas, gritando a plenos pulmões.

Finalmente, alguém abriu a porta de minha pequena cela e encontrei-me olhando cara a cara para um homem africano.

— Bem, bem. O que nós temos aqui? — disse ele — Um clandestino, hem?

Eu estava furioso e respondi:

— Não sou um clandestino! Fui forçado a embarcar neste navio! Tenho que voltar para Liverpool!

— Ah! Que linda história! — rosnou o marujo — Eu digo que você é um clandestino! Saia daí! Vou levá-lo ao capitão! Vamos ver o que ele diz!

Meu coração apertou. Se o oficial que tinha visto fosse o capitão, estava bem arranjado. Mas, pelo menos eu já não estava trancado e assim segui atrás do meu "libertador".

Já no convés, todos pareciam ocupados ajustando as velas e deixando tudo pronto para a ação. O oficial que tinha ordenado minha captura estava gritando ordens. Mas fiquei aliviado ao ver que a terra não estava assim tão distante.

Talvez eu possa falar com ele para me desembarcar — pensei.

Contudo, o marinheiro passou pelo oficial e levou-me a subir alguns degraus que levavam ao convés da popa onde o timoneiro estava segurando o timão, a roda que guia o navio. Ao lado dele, de pé, estava um homem grande e musculoso. Pensei que se tratasse de um outro marinheiro, todo vestido de jeans escuros, uma grossa blusa de lã e um pequeno boné na cabeça. Estava parado, com os braços cruzados, olhando atentamente para o mar enquanto soltava baforadas constantes de um pequeno cachimbo.

— Capitão — disse o marinheiro que me trazia a reboque — encontrei este clandestino aqui no castelo da proa. Que faço com ele?

Estava espantado. Esse era o capitão? Pela primeira vez, o homem do cachimbo pareceu notar-nos. Seu rosto era magro e enrugado e parecia ter sido esculpido em marfim escuro. Seus olhos eram de um azul brilhante sob as brancas e espessas sobranceiras. Não tinha um mau aspecto, mas certamente olhava com bastante firmeza.

— O que foi, Jeffries? Um clandestino? Em nome dos céus, menino, por que você quis ser um clandestino em um navio de chá que vai para a China?

— Eu não quis ser um clandestino! — protestei. — Estava só sentado nas docas, observando o movimento. Alguns de seus marujos me agarraram e me carregaram para bordo sem razão alguma. Bateram na minha cabeça e me trancaram no convés inferior.

O capitão franziu as sobranceiras.

— Senhor Henson! — chamou ele, dirigindo-se ao oficial de farda espalhafatosa — Sabe alguma coisa sobre este menino?

— Sim, senhor! — disse Henson, enquanto caminhava em direção ao convés da popa, com os botões de latão de sua farda brilhando.

— Eis aí o nosso novo grumete!

— O senhor o contratou?

— Bem... ainda não tive tempo para essas formalidades, mas o farei assim que possa...

— Henson, você raptou este menino? Eu quero uma resposta direta!

— Sim, senhor. Raptei! Nosso grumete contratado desapareceu; já era hora de zarpar e esse rapaz estava bem lá, sentado, precisando de um emprego...

— Henson, esta é a última vez que você rapta alguém para o meu navio. Está entendido? Você nunca viajou comigo e eu estou vendo que tem que aprender algumas coisas. Se quer permanecer como meu primeiro oficial, é melhor aprendê-las bem rápido!

— Sim, sim, senhor! — disse Henson com um sorriso afetado e afastou-se.

Estava começando a ficar preocupado.

— O senhor pode me enviar de volta a Liverpool? — perguntei ao capitão.

Ele sacudiu a cabeça, em negativa.

— Não tenho meios... Lá ao longe, vai o nosso barco piloto, está vendo? Eu poderia tê-lo mandado de volta nele, menino, mas agora, ele se foi...

Olhei para trás, na direção de Liverpool, para onde o capitão estava apontando com o tubo de seu cachimbo e vi o barco desaparecendo a distância.

Agora sim, eu estava realmente preocupado!

— Não há nenhuma maneira de chamá-lo de volta?

— Não! Além disso, o piloto é um homem ocupadíssimo; ele não pode estar indo e vindo como se fosse um serviço de barcas!

— Mas o meu avô é um capitão! Tenho certeza de que ele arranjará as coisas com o piloto!

— Um capitão do mar? Qual é o nome dele?

— Capitão Thompson.

— George Thompson?

— Sim, senhor. Ele conhece todo mundo. Também arranjará as coisas com o senhor, se me levasse de volta...

— Tenho certeza de que arranjará... — a voz do capitão extinguiu-se enquanto olhava o mar mais uma vez.

Eu olhava em torno, ansiosamente.

— Que tal me colocar a bordo daquele escaler e me devolver ao litoral? Não é muito longe. Eu... eu poderia caminhar até Liverpool...

O capitão franziu as sobrancelhas.

Olhe, meu filho... Não há jeito... Estou realmente muito pesaroso de você ter sido raptado, mas, goste ou não disso, você será o nosso grumete, nesta viagem. Meu conselho é que faça o melhor que puder. Seu avô ficaria orgulhoso por você ir para o mar.

Então, voltando-se para o timoneiro, disse:

— Um pouco mais para estibordo! Não queremos chocar-nos com o Sea Witch.

Voltei-me e vi um outro clipper, de formato esguio, com as velas enfunadas como balões brancos, velejando na direção oposta a nossa. Por detrás dele, nuvens cúmulos, que traziam consigo trovoadas, velejavam lá no alto do céu azul. Era mesmo um lindo quadro, mas não estava interessado em contemplar lindos quadros naquele momento.

— Capitão, por favor! — gritei desesperadamente — O senhor não pode comunicar-se com aquele navio e colocar-me a bordo, de volta a Liverpool?

O capitão franziu profundamente o cenho enquanto observava a parede de nuvens.

— Há uma tempestade a caminho — disse ele, quase como se estivesse falando consigo mesmo — e quero estar fora do Canal da Irlanda quando ela

chegar. Levaria algumas horas para que se pudesse fazer a transferência... Não temos tempo para isso... Mas, posso fazer uma outra coisa por você. Ele virou a cabeça para barlavento do navio e apanhou uma trombeta de latão brilhante. Colocando-a nos lábios, gritou:

— Ei... Vocês, do Sea Witch!

Em alguns instantes, o capitão do Sea Witch veio à amurada do seu navio com uma trombeta semelhante.

Os dois navios estavam quase em direções opostas um do outro quando ele gritou:

— Alô, capitão Morris! Precisam de ajuda? Que podemos fazer por vocês?

— Diga ao capitão Thompson, em Liverpool, que estou com o seu neto a bordo de meu navio, como meu grumete, e que tudo está bem!

— Eu direi, capitão. Façam uma boa viagem!

E com um último grito e um aceno amigável, os dois lustrosos navios passaram um pelo outro a não mais de seiscentos metros de distância.

— Agora, rapazinho, seu avô não vai mais se preocupar com você!

Deveria ser grato? Minha última oportunidade de voltar para casa lá se ia velejando pelo plúmbeo mar em direção a Liverpool... Engoli com dificuldade. Estava navegando para a China sem que ninguém me tivesse perguntado se eu queria ir...

Capítulo 2

A temível luz em Holyhead

Não tendo nada mais a me dizer, o capitão Morris enfiou seu cachimbo novamente na boca e voltou-se para o timoneiro.

Lutando contra as lágrimas, caminhei para a popa do navio e lá fiquei observando a trilha que a espuma branca deixava atrás de nós, em direção a Liverpool. Uma grande tristeza caiu sobre meu ser. Mas, nesse instante, o vento soprou mais forte e o Dumfries adernou perigosamente sobre seu lado. Voltei-me bem a tempo de ver o corrimão a sotavento, bem no meio do navio, mergulhar no mar. Isso espantou num segundo a minha nostalgia e agarrei-me ao cordoame que estava próximo, temendo que o navio fosse naufragar.

O capitão, que estava nesse momento bem diante de mim, não necessitou de nada ou ninguém para firmar-se, mas movia-se de acordo com o balanço do navio, mantendo um perfeito equilíbrio.

Em pouco tempo, o navio endireitou-se um pouco e o capitão gritou para seu primeiro oficial:

— Senhor Henson, asseste os mastros do sobrejoanete e fixe as vergas! Equilibre também a vela de ré! Quero avançar o máximo possível antes que a tempestade nos jogue em cheio contra o vento! Aliás, senhor Henson, — disse o capitão ao seu primeiro oficial quando este subiu os degraus até o convés da popa — fique prevenido! Se não quiser ter problemas comigo, veja que carreguemos tantas velas quantas este navio possa manejar e que elas estejam rigorosamente em bom estado. Tempo é dinheiro, senhor Henson! Tempo é dinheiro! Uma vez já fiz esta viagem em oitenta e sete dias e gostaria de fazer até Xangai um tempo idêntico. Entendido?

— Sim, sim, senhor! — falou bruscamente Henson, com o rosto vermelho e, voltando-se, começou a gritar ordens à tripulação.

Naquela época, eu não tinha idéia do que significavam aquelas instruções sobre as diferentes velas, mas, num momento, os marinheiros estavam subindo pelo cordoame e puxando várias cordas. Estava contente em ver tudo isso porque me parecia que o navio se endireitaria logo e navegaria com o

convés nivelado e assim, poderíamos andar outra vez a salvo sobre ele. Porém, ao invés disso, quando os marujos assestaram os mastros do sobrejoanete, onde ficam as velas dos mastros mais altos, e ajustaram as outras velas, o navio tombou novamente, de tal modo que o corrimão a sotavento ficou quase dentro d'água.

Olhando em torno e vendo-me parado, aguardando os acontecimentos, o capitão deu um largo sorriso e perguntou:

— O que é que há, rapaz? Assim, você nunca será um marinheiro! Por que não vai em frente e procura pelo cozinheiro. Diga-lhe que é o novo grumete e que precisa de algo para fazer.

Continuei parado, esperando. — Vá em frente, menino!

Então, percebendo que eu não sabia onde encontrar o cozinheiro, apontou para a guarita no convés superior, bem atrás do mastro da proa.

— Aquela é a cozinha do navio. Ele está lá!

— Certo!

Caminhei, cambaleando pelo tombadilho.

— Não se diz "certo"! É "sim, sim, senhor"!

— Sim, capitão.

— "Senhor"! — trovejou ele.

— Sim, sim, senhor! — tartamudeei, finalmente, sentindo que estava quase escorregando para o mar. Agora, a inclinação do convés já não era tão íngreme; eu brincara inúmeras vezes no telhado lá de casa, que era muito mais íngreme, porém o convés continuava se movendo com o balanço do mar e assim, meus passos eram inseguros.

Uma vez no convés da popa, segui em direção ao lado mais alto — a barlavento — quando uma onda quebrou no lado do navio e espirrou um jato de água salgada no meu rosto. Lembrei-me de quão maravilhoso tinha me parecido o ar salgado naquela mesma manhã quando olhava pela janela redonda do quarto de hóspedes da casa de meus avós. As coisas realmente haviam mudado muito, desde então.

A essa altura, o mar estava realmente jogando muito. A água estava escura como lousa cinzenta e a espuma rendada se estendia sobre toda a extensão de sua superfície. As nuvens, que pareciam montanhas com os cumes cobertos de neve quando as víamos pela primeira vez, estavam agora sobre nós, baixas, suas barrigas escuras quase se arrastando pelas cristas das ondas.

O Dumfries tinha três altos mastros. Os dois da frente tinham quatro velas em cada um deles; três

velas bujarronas estavam assestadas no mastro principal. O mastro da mezena (o mastro na ré do navio) possuía uma grande lança, na qual, como aprendi mais tarde, ficava a vela de ré e as velas caranguejas. Entre os mastros estavam várias velas de estai. Era mesmo um belo navio de cerca de cento e vinte pés de comprimento, embora não fosse tão grande ou veloz como alguns dos navios mais modernos.

Quando finalmente alcancei a cozinha do navio, vi que era tão pequena que nunca poderia imaginar alguém preparando comida para cinqüenta homens nela. Mas, lá estava o cozinheiro, um homem pequeno e atarracado vestindo uma camisa ensebada, mexendo um enorme caldeirão que estava sobre um grande e negro fogão de ferro.

— Senhor — disse eu — o capitão enviou-me.

— "Senhor", eu? — disse o cozinheiro sem se voltar — Desde quando fui promovido a oficial? E quem é você?

— Sou Neil Thompson e não pertenço a este navio.

— Então, cai fora! — grasnou ele.

— Quer dizer — falei, corrigindo-me. — eu realmente não pertenço a este navio, mas, uma vez que estou aqui, serei o grumete.

Ele me olhou, semicerrando os olhos.

— Raptado, hem? Nesse caso, é melhor começar a trabalhar. Lá está um saco de batatas. Aqui está uma faca. Comece a descascá-las!

Achei um caixote, sentei-me e comecei a descascar as batatas. Nunca havia imaginado que descascar batatas fosse um trabalho tão duro! Mas, o cozinheiro não me dirigiu novamente a palavra até que eu houvesse terminado.

Na guarita dianteira no convés da proa, também conhecida como castelo da proa, estavam a cozinha e os camarotes da tripulação. Havia escotilhas ao longo das laterais, exatamente como a janela do meu quarto na casa de meus avós. Mas, estava ficando tão escuro lá fora, que o cozinheiro acendeu dois lampiões de latão que pendiam, balançando, das vigas do teto. Sua luz projetava sombras estranhas que dançavam pelo interior da pequena cozinha, e os constantes estalos e gemidos dos costados e anteparos do navio lembravam-me que o tempo não estava nada bom.

De vez em quando, uma onda batia de encontro às escotilhas e minha imaginação voava, enquanto eu desejava que a tempestade ficasse tão forte que o capitão tivesse que retornar a Liverpool, temendo que fôssemos à pique.

Quando terminei de descascar as batatas, o cozinheiro disse:

— Ponha as cascas naquele balde e jogue as ao mar! Quando voltar, pode começar a lavar estas panelas!

Assim que saí para o convés, ouvi alguém grilar: "lá vem ela!" Não tinha a menor idéia de quem era "ela", mas, na penumbra, vi o primeiro oficial, Henson, pulando como louco os obstáculos que encontrava em seu caminho, trepando freneticamente pelo cordoame até ficar vários pés acima do convés.

Então, eu a vi: Uma grande onda, enroscada e cheia de espuma, estava parada bem lá no alto, acima da amurada e eu estava parado exatamente sob ela!

— Trate de agarrar-se em alguma coisa, rapaz, ou será varrido para o mar! — gritou Henson para mim.

Eu deveria ter-me agarrado logo onde pudesse, mas, sendo novo no mar e sem conhecer suas manhas, meu cérebro não conseguiu trabalhar tão rápido quanto deveria. Antes que pudesse me mover, uma muralha de água e espuma despencou sobre mim e levou-me de roldão, deslizando pelo convés. Meio afogado sob a água, eu certamente teria sido varrido para dentro do furioso mar, quando caí dentro de algo. Em seguida, estava rolando mais e mais, como uma bola de boliche entre os pinos. Notei que estava contra o corrimão a sotavento e tentei desesperadamente agarrar-me a alguma coisa, mas não havia nada por perto.

Então, de repente, quase tão rápido como tinha vindo, a enxurrada se foi e eu consegui respirar de novo.

Parei tremendo e vi que tinha rolado em todo comprimento do convés central e, assim, ficado contra os degraus que levavam ao convés da popa. Lá de cima, o capitão gritou para mim:

— É melhor agarrar esse balde! Nós não temos outros! Não podia acreditar no que estava ouvindo! Quase tinha sido varrido para o mar e tudo que ele achava para me dizer era "agarre esse balde"? Contudo, em poucos dias aprendi que cair

durante uma tempestade era tão natural para um marinheiro que, se você se saísse bem, não havia mais nada com que se preocupar.

Agarrei o balde que ainda estava rolando pelo convés, e andei de volta à cozinha, tão rápido quanto podia, naquele piso oscilante. Quando bati a porta atrás de mim para fugir da tempestade, o cozinheiro voltou-se e disse-me:

— Se vai ficar parado aí, pingando como uma lavanderia na sexta-feira, é melhor torcer-se naquele caldeirão e começar a lavá-lo.

Já era muito tarde e a tempestade ainda rugia, quando a tripulação terminou de comer em turnos. Terminei de lavar a louça da ceia e estava tão cansado que, quando encontrei um cantinho seco e quente perto do fogão, enrosquei-me para dormir.



A despeito do navio estar jogando muito, devo ter dormido a maior parte da noite, pois já estava clareando o dia quando acordei com alguém me cutucando com sua bola. Era o marinheiro negro outra vez.

— Está acordado, Thompson? — perguntou o homem. E então, sem esperar resposta, disse:

— Levante-se e venha comigo. A água está vazando pela escotilha principal para dentro do porão!

Guiou-me até uma pequena escada no tombadilho, cujos degraus levavam ao próximo convés inferior. Lá, acendeu uma vela fumacenta e olhou-me nos olhos.

— Meu nome é Jeffries. Sou o camareiro de bordo. — disse ele enquanto se movia em direção ao lugar onde uma cachoeira corria de uma portinhola do convés superior e desaparecia dentro do porão, abaixo de nós.

— Segure isto! — falou o camareiro enquanto me estendia a vela e subia para ajustar a portinhola para que parasse de verter água. Imediatamente, a cascata transformou-se em uma fina cortina e logo, num fio d'água.

— Você vai ficar no meu camarote e vai trabalhar para mim a maior parte do tempo. — grunhiu ele. — Mas, neste momento, precisamos de todos os braços no convés. Primeiro, vou dar-lhe um oleado.

Ele deu-me uma capa de chuva que tinha sido oleada de maneira que se tornasse à prova d'água e nos dirigimos para o convés.

— Você pode ajudar com as bombas! — gritou ele acima do barulho do vento. — Isso não necessita de muita perícia.

No convés, era quase impossível respirar, e as ferozes rajadas de vento pareciam sugar o ar diretamente de meus pulmões. Segui Jeffries até duas grandes rodas que ficavam localizadas perto da base do mastro principal. Havia uma grande manivela em cada roda e dois marinheiros as estavam virando. Substituí um marinheiro e Jeffries, o outro.

A princípio, não parecia tão duro virar as rodas e eu estava contente de ter algo em que me segurar e alguém próximo de mim, no meio daquela terrível tempestade. Mas, em pouco tempo, já respirava com dificuldade.

Às vezes, várias ondas se abatiam sobre o nosso convés, uma após a outra, enchendo-o de água do mar, até as amuradas, mas eu me segurava com firmeza até que a inundação passasse.

Todos os outros marinheiros também estavam no convés, trabalhando intensamente para conseguir

obedecer as ordens do primeiro oficial, porém, era difícil ouvi-las com o vento rugindo e soprando através do cordoame. De vez em quando, ele gritava:

— Prontos para virar de bordo!

E então, os homens corriam para diferentes pontos.

Mas, o navio foi apanhado pelo vento enquanto os marinheiros lutavam para ajustar as velas. Quando as velas começaram a encher, o navio mudou de direção e o oficial gritou:

— Mudar o rumo!

O Dumfries bordejou para trás e para diante, em cheio contra o vento, durante toda a manhã e eu podia ver que os marinheiros estavam exaustos. De repente, Jeffries gritou, acima do barulho do vento:

— Acho que não estamos fazendo nenhum progresso!

Somente uma vela quadrada estava assestada em cada mastro juntamente com as velas de estai e duas bujarronas, durante toda a tempestade. O vento era tão forte que todas as outras velas haviam sido recolhidas durante a noite para que os mastros não se partissem. Finalmente, veio uma nova ordem:

— Preparem-se para atravessá-la! — e um momento mais tarde: — Bombordo! Virar à bombordo! Encurtar as velas de mezena!

Uma dúzia de homens correu rápido, subindo o cordoame principal, trabalhando na mastreação para descer as velas.

— O que estão fazendo? — gritei no ouvido de Jeffries, temendo que os homens caíssem no convés e morressem, ou despencassem no mar furioso.

— Estão recolhendo as velas porque não estamos fazendo nenhum progresso. Talvez possamos sair do centro da tempestade por alguns instantes. Pelo menos, isso dará aos marinheiros um tempo para respirar!

Uma âncora foi lançada e o navio começou a jogar para um lado e para o outro de uma maneira incrível. Em alguns instantes eu estava enjoado. Vomitei antes que pudesse chegar à amurada, mas o vômito foi imediatamente lavado por uma onda que se quebrou e veio lavando todo o convés. Depois disso, comecei a ter vômitos em seco, pois não tinha comido nada desde a noite anterior.

Cometi o erro de olhar para o mar e vi uma grande onda verde, com sua crista branca como leite,

crescendo tão alta que parecia uma montanha, escondendo de vista, o resto do tenebroso oceano. Mais alta, cada vez mais alta, mais fina, cada vez mais fina, sua crista cresceu e começou a enroscar, pronta para quebrar, até que, com um rugido, caiu sobre o navio, mandando os marinheiros para todas as direções. Jeffries também viu tudo isso e ambos paramos de bombear e enfiámos nossos braços nas rodas das bombas para evitar sermos varridos para o mar.

Quando o convés secou, fui repentinamente unido à roda da bomba pelo passageiro que tinha visto na amurada, no dia anterior. O jovem segurou firme a roda e me deu uma ajuda no bombeamento.

— Sou Hudson Taylor, — gritou ele.

Seu cabelo estava colado em sua testa pela chuva que caía.

— Neil Thompson! — gritei, acima do barulho do vendaval.

Nesse momento, o navio elevou-se sobre uma vaga quase tão grande quanto a onda que tinha anteriormente caído sobre nós e eu pude ver uma luz, não muito longe do portaló da popa. Ela brilhou claramente contra o horizonte cinza escuro, onde céu e mar se encontravam.

— Olhem! Uma luz! Uma luz! — gritei.

Era uma visão maravilhosa para mim; pensei que ela significava amizade, ajuda, talvez mesmo calor e abrigo da tempestade. Mas, ao olhar para a luz, o rosto de Jeffries crispou-se de horror.

— Terra! — foi o clamor que ecoou acima do barulho do vento e que foi repetido em todos os lados do convés. Vi o capitão examinar a luz com seu binóculo e então, tropejar:

— Levante alguma vela, senhor Henson! É o Cabo de Holyhead, vamos certamente bater em seus rochedos e afundar!

O feixe de luz de Holyhead, que tinha sido uma visão reconfortante para mim, tinha se tornado em uma temível luz.

— Se algum de vocês dois, marinheiros de primeira viagem, sabe orar, é hora de começar! — gritou Jeffries para o senhor Taylor e para mim, com os olhos arregalados de pavor.

Capítulo 3

Bem alto, sobre o mar

Para minha surpresa, Hudson Taylor começou imediatamente a orar enquanto girava a roda da bomba.

— Oh, Pai! — orava ele em voz alta — Tem misericórdia de teus filhos! Vê o perigo que estamos correndo aqui neste mar. Salva-nos de nos despedaçarmos naquelas rochas...

Jeffries também estava murmurando, freneticamente, coisas como "Senhor" e "Salva-nos"!

Não sabendo o que fazer, eu tentava dizer o Pai Nosso. Não havia ido à igreja com frequência — embora minha mãe estivesse sempre me dizendo que deveria ir — e assim, não conseguia me lembrar da oração toda. Mas, quando finalmente disse "Amém", Jeffries e Hudson Taylor estavam ainda orando e virando a manivela, virando a manivela e orando...

Fiquei surpreso ao notar que eles não estavam recitando algumas orações que tivessem decorado, pois isso era tudo que eu tinha ouvido o padre dizer na igreja.

Eles estavam falando com Deus como se Ele estivesse ali, bem ao lado deles.

Finalmente, Hudson Taylor parou e inclinou-se em direção ao camareiro.

— Acho, realmente, que não temos nada com que nos preocupar agora, irmão. — gritou ele.

Havia um sorriso em seu rosto bonito, com seu nariz afilado e o indício de uma crespa barba vermelha em seu queixo.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Jeffries ainda com o olhar apavorado.

— Deus me chamou para ser um missionário na China, — gritou Taylor sobre o barulho do vento — e se Ele me colocou aqui neste navio, é porque vou chegar lá. Por isso, estou certo de que estaremos a salvo.

— O capitão Morris ficaria feliz em ouvir isso... — respondeu Jeffries — e um sorriso se abriu em seu rosto ansioso.

A essa altura, estavam assestadas tantas velas quantas o Dumfries poderia suportar em tal

vendaval, e o navio mais uma vez bordejava para frente e para trás, tentando fazer algum progresso dentro do vento, fazendo movimentos em ziguezague. Após cerca de dez minutos de bordejo a estibordo, Henson deu ordens para que o navio virasse de bordo e ficamos mais dez minutos executando bordejos a bombordo. Os marinheiros quase não tinham tempo de recuperar a respiração após manterem as velas em condição de navegabilidade, antes de ter que fazê-lo de novo. Mas, quando olhei para trás em direção à luz, notei que não havíamos feito nenhum progresso. De fato, agora podia ver que a luz estava vindo de um farol situado num ponto escarpado do litoral.

Durante toda a tarde, a batalha contra a tempestade continuou. Por vezes, a luz de Holyhead parecia empanada e mais distante; mas, quando se tornava a olhar, alguns minutos mais tarde, compreendia-se que parecera empanada por causa da bruma ou porque rajadas de chuva haviam obscurecido o farol.

Nós três trabalhávamos nas bombas tanto quanto podíamos, respirando com dificuldade, quando estávamos exaustos demais para continuar. Em uma das vezes em que estávamos tendo um

pequeno descanso, o capitão Morris se aproximou. Pensei que ele fosse nos chamar a atenção por não estarmos bombeando, mas, ao invés disso, ele disse:

— Senhor Taylor! Agradeço por estar nos dando uma mãozinha! Realmente precisamos de toda a ajuda possível em uma tempestade como esta.

— Fico feliz em poder ajudar! — disse o passageiro do navio — Mas, não estou muito preocupado!

Então, contou ao capitão a respeito de Deus querer que ele fosse para a China.

— Isso é realmente confortador, disse o capitão, mas não se esqueça do que aconteceu quando o apóstolo Paulo navegava para Roma...

— O que quer dizer com isso?

— Se bem me recordo o que a Bíblia diz, muito embora todos no navio tivessem sobrevivido, o navio naufragou na ilha de Malta... E eu desejo, muito sinceramente, que o meu navio se salve...

O capitão bateu com as pontas dos dedos em seu pequeno quepe.

— Mesmo assim, obrigado pelas orações e pela ajuda com as bombas.

A tempestade vociferava, mas quando a noitinha se aproximava, o sol brilhou

momentaneamente no céu ocidental. Seu brilho pareceu dar a todos um lampejo de esperança, mas também mostrou-nos a fúria do temporal.

De repente, céu, mar e nuvens transformaram-se em formas tenebrosas de cor cinza e negra, e um perfeito preto e branco com nuances de dourado à volta dos cantos das nuvens.

Fora das nuvens ocidentais, brilhantes raios de sol dardejavam sobre o mar, tornando o topo das grandes ondas em cristal verde.

Olhei de novo em direção ao farol e vi, pela primeira vez, quão traiçoeira era a costa. Não havia praias, somente enormes rochedos negros sobre os quais as ondas, em incessante fúria, batiam continuamente, despejando borrifadas de água e espuma até a base do farol.

Por um momento, o sol mostrou-nos o farol, como um solitário pilar branco contra as nuvens cor de ardósia negra. Lá no topo, brilhava a luz de aviso do mesmo. Não havia perguntas em minha mente. Sabia que se estivéssemos nos dirigindo contra aquelas escarpadas rochas, o navio se partiria e, a despeito de tudo que o senhor Taylor tivesse dito, eu não podia imaginar que nenhum de nós sobrevivesse ao naufrágio.

A cada bordejo que o navio dava, para diante e para trás, perdíamos mais terreno, levados pelo vento e pelas ondas, cada vez mais para perto da tenebrosa costa. O sol estava no ocaso e, de repente, o céu tornou-se dourado, depois laranja e, finalmente, vermelho.

Jeffries olhava com uma expressão de alívio no rosto.

— "Céu vermelho à noite, deleite para o marinheiro; céu vermelho de manhã, aviso para o marujo." — murmurou ele, recitando um velho provérbio dos homens do mar. — Se pudermos esperar, esta tempestade passará por si mesma. Deus sabe que ela já durou tempo suficiente para três tempestades.

O mar furioso parecia o próprio inferno, em vermelho e negro, refletindo as lúgubres cores do céu. Estávamos em nosso bordejo a bombordo e cada vez nos aproximávamos mais de Holyhead, quando o primeiro oficial finalmente deu a ordem:

— Virar de bordo!

— Não, senhor Henson! — gritou o capitão Morris lá do convés da popa. — Mantenha o rumo onde está!

— Capitão, — protestou o primeiro oficial — se chegarmos mais perto poderemos ser apanhados pelas correntes e empurrados diretamente sobre os rochedos, quando tentarmos virar de bordo!

— Eu sei disso, Henson. Mantenham o rumo, rapazes! Mantenham o rumo!

— Mas, capitão...

— Senhor Henson! Não questione minhas ordens! Carregue o navio ou vá lá para baixo!

O capitão voltou-se para o timoneiro:

— Dois graus para bombordo, marujo! Imediatamente, o navio respondeu e pegou um pouco mais de vento, mas, virar para bombordo significava que estávamos indo direto para os rochedos. Jeffries, Taylor e eu paramos de virar a manivela e nos mantivemos no mesmo lugar, orando por nossas preciosas vidas.

— Ele vai tentar passar! — disse o camareiro cerrando os dentes. — Não vejo como vamos conseguir isso!

Então, pude também compreender o que o capitão estava fazendo. Ao invés de virar de bordo e virando além do ponto de um novo bordejo, tentaria achar caminho para passar um pouco mais distante

da costa, o que não havia acontecido durante todo o dia — ele ia tentar passar rente ao promontório.

O Cabo se aproximava mais e mais. Mesmo acima do barulho do vento, podíamos ouvir as ondas quebrando sobre as rochas e ver os borrifos que subiam bem alto no ar e caíam na costa.

— Mantenham o curso agora! É a nossa única chance, rapazes — encorajava o capitão. — Mais um ponto para bombordo, timoneiro!

Oh, não! — pensei. — *Não podemos chegar mais perto!* Não estávamos distantes dos rochedos mais que o comprimento de dois navios e estávamos sendo empurrados por ondas violentas! Então, vi que poderíamos ter uma chance. O navio se aproximou do farol e, vagorosamente, muito vagorosamente, passou por ele. Passou também pelos rochedos mais afastados e se distanciou deles.

De repente, um grande brado de alegria elevou-se da tripulação.

— Conseguimos ! Conseguimos !

Efetivamente, a popa do navio havia ultrapassado o Cabo de Holyhead.

Não muito além desse ponto, o vento e as correntes mudaram de algum modo; o capitão Morris mandou que o timoneiro virasse o navio

alguns pontos para estibordo onde, pela primeira vez desde que a tempestade irrompera, começamos a fazer progressos para longe da costa em direção ao sudoeste.

— Quero vê-lo em meu camarote, senhor Henson, por favor! — resmungou o capitão, passando o controle do navio para o segundo oficial.

Carrancudo, o primeiro oficial o seguiu em direção ao convés inferior.

Eu me perguntava por que ele parecia tão infeliz. Estávamos salvos da tempestade — inclusive o senhor Henson. Isso não deveria fazê-lo feliz? Naturalmente que o capitão Morris havia demonstrado que sua habilidade náutica e sua coragem eram superiores às do primeiro oficial. *Suponho que é por isso que o capitão é o capitão!* — pensei.

— É duro para um homem orgulhoso, como é o primeiro oficial, ser humilhado diante de toda a tripulação! — murmurou Hudson Taylor ao meu ouvido. Era como se ele tivesse lido meus pensamentos.



Nas semanas que se seguiram, aprendi quão "normal" era a vida a bordo de um navio. Tínhamos bons ventos e tempo agradável com ocasionais rajadas de chuva, mas nada como a tempestade à qual havíamos sobrevivido no Canal da Irlanda.

Como grumete, minhas obrigações eram ajudar o camareiro, do qual eu gostava, e o cozinheiro, que era um velho azedo. Foi-me dado "alojamento" (um beliche estreito de madeira) no camarote do camareiro que ficava abaixo do convés da popa, onde se situavam os camarotes dos oficiais, do capitão e de alguns passageiros. Eu limpava o banheiro dos oficiais, fazia as camas do capitão e dos passageiros todos os dias, e ajudava Jeffries a lavar os pratos depois que os oficiais e o senhor Taylor comiam no salão de refeições. Este, aliás, era o único passageiro a bordo do navio e não era o tipo de pessoa exigente, assim, não precisava passar muito tempo servindo-o.

Na cozinha, davam-me os trabalhos mais enfadonhos, como descascar batatas e lavar panelas e mais panelas. Parecia sempre haver alguma panela para ser esfregada.

Mesmo quando as tarefas regulares estavam feitas, havia lampiões de latão ou botas do capitão que precisavam de polimento.

— “Mãos ociosas são ferramentas do diabo” — dizia-me Jeffries uma dúzia de vezes. — No mar, é bom que todos tenham sempre o que fazer.

Podia ver que ele não estava me criticando. Os oficiais procuravam manter todos os marinheiros ocupados. Se os ventos estavam bons e os marujos não precisavam estar constantemente ajustando as velas, eles eram mandados a executar outras tarefas, como esfregar o convés ou trepar pelo cordoame para passar alcatrão e consertar as cordas. Qualquer mão que fosse encontrada ociosa, era rapidamente "encorajada" a voltar ao trabalho por cascudos ou xingamentos do primeiro ou do segundo oficial.

Era como se os sinos estivessem sempre soando. Rapidamente, aprendi que as vinte e quatro horas do dia, no mar, eram divididas em seis segmentos de quatro horas cada. Durante o segmento, um sino tocava a cada meia hora — uma vez na primeira meia hora, duas vezes na segunda e assim por diante, até que o término daquele segmento fosse anunciado por oito badaladas. O segmento das quatro horas da tarde até às oito da

noite era dividido ao meio (o primeiro e o segundo vigias) para permitir que todos pudessem cear.

Da mesma maneira, a tripulação estava dividida em dois grupos. Um grupo chamado de "vigia de bombordo" servia sob as ordens do primeiro oficial. O segundo grupo servia sob as ordens do segundo oficial e era chamado de "vigia de estibordo". Quando o tempo estava bom, os "vigias" tiravam turnos dirigindo o navio — quatro horas de serviço e quatro horas fora de serviço, com exceção dos turnos da tarde e da noite quando cada um dos "vigias" tirava turnos de seis horas corridas.

Quando o tempo estava ruim, soava o chamado: "Todas as mãos ao convés!" E todos ajudavam até que passasse a tempestade ou até que as velas estivessem suficientemente "rizadas" (partes amarradas e partes soltas) para superar o mau tempo. Vendo os marujos lá no alto, acima do convés, agarrados ao cordoame quando tentavam "rizar" uma vela sob vento forte, eu ficava nervoso, na expectativa de que algum deles escorregasse e caísse cá em baixo, morrendo da queda.

Então, um belo dia o capitão Morris me disse:

— Thompson, que tal subir na guindola (um tipo de cadeirinha) e passar alcatrão em algumas

cordas hoje? Qualquer marinheiro de primeira viagem pode esfregar panelas ou polir latão. Seu avô certamente me fará passar por debaixo da quilha do navio, como punição, caso eu passe todo o caminho para a China sem ensinar a você nenhuma habilidade náutica. Jeffries, coloque-o lá em cima!

Minha boca estava seca. A tal "guindola" me parecia como o balanço que eu tinha em um galho de árvore na minha infância, exceto por sua corda ir lá para o alto, dentro do cordoame do navio, por meio de uma polia, perto dos mastros. Olhei para cima, para os mastros que pareciam torres. Embora o tempo estivesse lindo e uma brisa leve brincasse com o mar, os mastros balançavam-se para frente e para trás. Estava tão apavorado que prestei muito pouca atenção quando Jeffries trouxe uma velha camisa de lona que cheirava a alcatrão. Então, deu-me um pequeno pote de alcatrão com uma escova dentro.

— Quando chegar lá em cima, amarre este cinto de segurança à volta do cordoame em que estiver trabalhando, — disse o camareiro, atando uma corda seguramente ao cinto de minhas calças. — Isto impedirá que você balance demais e permitirá que use ambas as mãos para trabalhar. E

mais, quando estiver passando alcatrão, não deixe cair nem uma gota no convés cá embaixo, senão ficará a noite toda limpando-o.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele começou a içar-me lá para o alto, acima do convés, na tal "guindola".

— Não olhe para baixo! — gritou Jeffries.

Eu orava por minha preciosa vida enquanto os marinheiros me colocavam cada vez mais e mais alto. Quando já estava perto do topo dos mastros, Jeffries começou a dar-me instruções.

— Comece com aquela corda do patarraz, bem perto da sua mão direita...

Não, essa aí não! Essa já foi feita... Aquela outra...

Eu me agarrava às cordas da minha "guindola" com ambas as mãos e não tinha a menor intenção de largá-la para agarrar o pedaço do cordoame do qual ele estava falando. Mas, minhas mãos começaram a doer e eu estava dando voltas vagarosamente, com o vento. Precisava fazer parar aquele movimento giratório. Finalmente, estiquei um pé e quase consegui apanhar a corda que pretendia alcatroar. Quando passei novamente girando por perto, usei ambos os pés e enfim, consegui.

Empurrei-me para o cordoame e me agarrei lá com as pernas enroscadas na corda.

— Isso mesmo! Isso mesmo! — encorajava-me Jeffries. Sua voz parecia vir de quilômetros abaixo de mim e o vento parecia muito mais forte lá em cima.

— Agora, amarre o cinto de segurança e poderá trabalhar! Se ele pensava que eu ia largar a "guindola" para amarrar o

tal cinto, estava maluco! Mas, após ficar balançando no ar durante uns dez minutos, compreendi que a única maneira de descer seria executando meu trabalho. Tinha que fazer alguma coisa! Mas, dois sinos tocaram antes que eu conseguisse amarrar meu cinto de segurança. Finalmente, senti-me seguro o bastante para ir esticando uma das mãos e agarrar a escovinha no pote de alcatrão que estava junto da "guindola".

Pincelei um pouco de alcatrão na vela situada logo acima da minha mão e então, um pouco mais, esfregando o alcatrão em todos os lados da corda a fim de protegê-la da chuva e do tempo. Logo já tinha terminado dois pés daquele setor — tão longe quanto pude alcançar naquela posição.

— Pronto para mudar de lugar? — gritou Jeffries antes que eu tivesse a chance de descansar.

— Sim!

Ele abaixou-me até que eu dissesse "Pare"!

Quando soaram três badaladas, já estava pronto para mudar de lugar novamente. Então, cometi o erro de olhar para baixo. Do convés, tinha me parecido que o navio estava navegando quase nivelado, mas, lá em cima do cordoame, achei que ele estava quase de cabeça para baixo, e assim vi que eu estava realmente sobre o mar.

Apertei com tal força a escova no pote, que um pouco do alcatrão espirrou quando o esfregava no "patarraz".

— Ei, o que...? — gritou alguém lá de baixo, enquanto podia ouvi-lo praguejando e gritando mais.

— Está trabalhando em algum chiqueiro? Será que vou ter que procurar algum poleiro de galinhas aí, sobre a minha cabeça?

Olhei novamente para baixo. De alguma forma, o vento tinha soprado uma bolota de alcatrão sobre o convés e ela tinha "aterrissado" bem em cima da careca de um fabricante de velas.

Furioso, o homem puxou sua faca e aproximou-se da corda que fazia subir e descer a "guindola", onde eu estava.

— Vou cortar a corda aqui embaixo e alimentar os tubarões com sua carne! — gritou ele.

Eu estava tremendamente assustado, mas não pensei que ele realmente faria isso, até que vi o senhor Taylor atravessar o convés correndo.

Ele agarrou o braço do marinheiro e se colocou entre a corda e a faca do homem. Então, disse-lhe algo que não consegui entender.

— Está certo, está certo! — disse o fabricante de velas — Mas, se acontecer isso de novo, ele vai para dentro do mar! Você me entendeu?

O homem afastou-se, praguejando enquanto se ia.

— Bem que eu disse para tomar cuidado com o alcatrão! — falou Jeffries num sorriso.

Quando, finalmente, o camareiro me baixou de volta ao convés, o senhor Taylor encaminhou-se para mim, dando-me um tapinha nas costas.

— Rapaz corajoso! — disse ele com seus olhos azuis brilhando.

Eu queria agradecer-lhe por ter vindo em meu socorro, mas minha língua parecia pregada em minha garganta. Não me sentia nada corajoso...

Nos dias que se seguiram, o capitão mandou-me várias vezes subir na "guindola" até que, finalmente, perdi o medo de ficar balançando entre o céu e o mar. Comecei até mesmo a gostar de ficar balançando para trás e para frente no cordoame.

O navio virou para o leste, afastando-se da costa da América do Sul e encaminhou-se para o Cabo da Boa Esperança, contornando a parte inferior da África. Lá de cima do cordoame, eu podia ver à distância de muitas milhas, enquanto navegávamos dia após dia, e, assim, fui o primeiro a avistar dois outros navios no horizonte. Mas, a vista que eu mais apreciava eram os golfinhos nadando por perto, diante do nosso navio. Eles nos faziam companhia por milhas e milhas e, então, desapareciam por algumas horas ou por dias seguidos até que, repentinamente, apareciam de novo.

Alguns dos marinheiros diziam que eles eram outro tipo de golfinhos, mas eu tinha plena certeza de que reconhecia alguns deles. Era reconfortante pensar que alguns golfinhos retornavam novamente para guiar-nos.

Capítulo 4

Ao mar!

Quando contornamos o Cabo da Boa Esperança, na parte inferior da África, tivemos bom tempo enquanto navegávamos pelo sul do Oceano Índico. Navegamos até cerca de cento e vinte milhas da Austrália, mas, em fevereiro, assim que passamos as ilhas da Indonésia, ocorreram dias em que ficamos parados pela calmaria. As velas pendiam flácidas ou se agitavam inutilmente, de tempos em tempos, e nós íamos à deriva, por um quente e vítreo mar.

Afortunadamente, uma brisa noturna soprava com freqüência e assim nos permitia um modesto avanço, porém, uma corrente a sudoeste fluía através das ilhas e nos trazia de volta durante muitos dos dias sem vento.

Foi durante esse tempo, quando havia horas livres no convés (não se pode esfregar o convés dia

após dia), que vim a conhecer melhor o passageiro do navio.

Hudson Taylor tinha pedido permissão para fazer um culto aos domingos, no convés. O capitão Morris, Jeffries, o camareiro africano, e o carpinteiro do navio, apoiavam entusiasticamente o serviço religioso e dele tomavam parte, sempre que o tempo permitia.

Também assistia aos cultos porque gostava de Hudson Taylor, de Jeffries e do capitão. Porém, bem poucos marinheiros participavam. Se acontecesse de estarem no convés, alguns paravam e ouviam sem fazer cara de tédio. Mas, se estivessem dormindo, jogando damas ou qualquer coisa desse tipo, eles não se mexiam para ao menos "ir à igreja", mesmo quando Jeffries ou Taylor os convidava.

Aquilo me surpreendia. Aprendi que a Inglaterra era um país cristão, assim, pensava que a maioria dos marinheiros fosse cristã. Mas, vivendo junto deles naquele navio, tão intimamente, comecei a ver a diferença entre as pessoas. Alguns homens, naturalmente, zombavam de qualquer crença em Deus. Eu esperava por aquilo e assim não me surpreendia. Mas, a maioria simplesmente não se importava... Muito embora tivessem nascido em

lares cristãos e sido batizados, alguns haviam se casado na igreja e, provavelmente, teriam seu funeral nela... Eles se diziam "cristãos", porém na sua grande maioria não tinham nenhum desejo real de "tomar a sua cruz e seguir Jesus" — como bem disse o senhor Taylor.

Isso fez com que eu começasse a pensar. Se fosse falar a verdade, eu também era essa espécie de "cristão". Sentindo-me um tanto culpado, assisti fervorosamente a todos os cultos que o senhor Taylor fez no convés.

Um dia, Hudson Taylor pregava sobre o terceiro mandamento. "Não tomareis o nome do Senhor Deus em vão". Jamais havia pensado sobre o que significava usar o nome de Deus em vão. Os marinheiros do Dumfries costumavam falar uma penca de coisas sujas e eu bem sabia que era errado falar qualquer dos palavrões que eles diziam. Mas, Taylor explicou que dizer "Oh, Deus" ou chamar "Jesus Cristo", pedindo ajuda, poderiam ser orações curtinhas, se estivéssemos mesmo falando seriamente com Deus. Mas, se não estivéssemos falando realmente com Deus, então isso era usar o seu nome em vão.

Quando eu pensava sobre isso, podia ver que, sempre que a maioria dos marinheiros diziam aquelas palavras, eles não estavam falando com Deus; só usavam o seu nome para expressar surpresa, desgosto ou ansiedade. Pela primeira vez, compreendi o mandamento e decidi ser mais cuidadoso com a maneira de falar. Não tinha certeza de que isso significava ser um cristão como Hudson Taylor ou o capitão Morris, mas não havia nenhuma razão para ser rude com Deus. E, a final de contas, quem sabe se algum dia eu poderia realmente precisar dEle?

Certa manhã de domingo, ainda quente, as correntes oceânicas haviam nos levado, perigosamente, para perto do litoral norte da Nova Guiné. Durante o culto do senhor Taylor, notei que o capitão parecia preocupado e, freqüentemente, deixava nosso pequeno círculo para olhar para o lado do navio.

Taylor também notou e, após a oração de encerramento, disse:

— Qual é o problema, capitão? O senhor parece preocupado...

— E estou, senhor Taylor. A corrente é muito rápida por aqui e, não muito distante, há uma linha

de recifes. Sem uma brisa, logo estaremos sobre eles, e a ponta de um recife de coral pode fazer um buraco no casco do navio, da mesma maneira que os rochedos de Holyhead.

O capitão voltou-se e gritou para um dos homens que subisse ao cordoame com um óculo de alcance e observasse os recifes. Passou-se uma hora sem vento e, de repente, o homem gritou:

— Lá estão eles! A cerca de quatrocentos metros a ré! Todos correram até a amurada para dar uma olhada, mas, não pudemos ver nada. Passados uns dez minutos, o capitão Morris perguntou ao vigia do cesto da gávea se estávamos nos aproximando dos recifes.

— Não há dúvida quanto a isso, senhor. Vocês já podem vê-los a olho nu agora.

Olhei para onde ele apontava e pensei poder ver uma clara risca verde na água, onde as ondas estavam mais planas.

— Senhor Henson — disse o capitão ao primeiro oficial — lance ao mar um escaler e ponha nele todas as mãos que possam empunhar um remo! Pode ser que consigamos rebocar o Dumfries e colocá-lo a salvo!

O escaler, com dois homens em cada remo, esforçou-se para rebocar-nos durante uma hora. Talvez tenham impedido a nossa aproximação dos recifes, mas ainda podíamos ver que estávamos perdendo terreno. A linha de recifes na água estava agora muito visível — e não distava mais do que uns cem metros da embarcação.

De repente, movendo-se ao longo da verde linha de recifes, vi uma sombra cinza. Pisquei, pensando que o brilho do sol estava perturbando meus olhos. Porém, nesse momento, um dos homens gritou:

— Tubarões! Tubarões!

A perspectiva de um naufrágio num recife em águas calmas não parecia ter aborrecido muito a tripulação, mas a presença dos tubarões modificou tudo.

O pânico parecia espalhar-se por todo o navio. Alguns homens começaram a desamarrar os botes salva-vidas.

— Até que eu dê a ordem de abandonar o navio, esses botes ficam onde estão! — rugiu o capitão. — Toquem neles novamente e mando-os para o convés inferior!

Olhei fixamente as formas cinzentas. Os tubarões mediam cerca de cinco a seis metros de comprimento. Ocasionalmente, uma barbatana triangular quebrava a superfície da água, fazendo correr um calafrio em minha espinha.

O capitão Morris chamou de volta o escaler e voltou-se para Hudson Taylor.

— Precisaremos do escaler e de todos os botes salva-vidas se qualquer um de nós quiser sobreviver a isto. Fizemos tudo que podia ser feito. Agora, só nos resta esperar. Espero que, de algum modo, o senhor ainda possa chegar à China...

— Ainda não tentamos tudo, — disse o senhor Taylor.

— Não?... — o capitão levantou as sobrancelhas — E o que foi que deixamos de tentar?...

— Há pelo menos quatro de nós, a bordo, que são cristãos! — disse Taylor calmamente. — Que cada um de nós vá para o seu camarote e concorde em orar, pedindo a Deus que nos mande uma brisa. Ele tanto pode nos mandar a brisa agora, como ao pôr-do-sol.

O capitão esfregou o queixo.

— Concordo! — disse ele e saiu à procura do camareiro e do carpinteiro.

Não gostei de ser deixado de fora, mas seus atos deixaram claro para mim o que eu já começara a compreender: Eu não tinha decidido não ser um cristão, contudo, realmente nunca tinha decidido seguir a Cristo.

O primeiro oficial franziu as sobrancelhas quando viu o capitão e os outros desaparecerem no convés inferior. Então, voltou a olhar para os tubarões na água. Contei três deles patrulhando os recifes de coral, nadando de um lado para o outro, como se estivessem sabendo que estávamos indo para lá e esperassem fazer de nós sua próxima refeição. Para frente e para trás... Para frente e para trás...

De repente a voz de Hudson Taylor soou atrás de nós.

— Senhor Henson, acho que é melhor abaixar os cantos das velas principais para que possamos pegar o vento.

— E por que devo fazer isso? — bufou o primeiro oficial.

— Porque estivemos orando, homem, e estou certo de que Deus mandará uma brisa imediatamente. Mas devemos estar preparados!

Henson olhou ceticamente para as velas. Também olhei e pensei ter visto as velas do mastro principal — que são chamadas de "reais" — começarem a tremer.

— Está vendo? O vento está chegando! — disse Taylor. — Olhe as "reais"!

— "Patinhas de gato", somente — bufou o oficial, referindo-se aos pequenos sopros de vento que brincavam com as velas como se fossem "patinhas de gato" no mais calmo dos dias.

— "Patinhas de gato" ou não, abaixe as velas, homem, ou bateremos nos recifes!

Com um olhar surpreso para o rosto de Taylor, o oficial deu a ordem. Tão logo as velas drapejaram, encheram-se de vento. Com um bem-vindo rangido dos costados, o Dumfries, vagarosamente, começou a mover-se para frente, e não mais à deriva.

— Obrigado, meu Deus! — gritou o capitão Morris, vindo de seu camarote de volta ao convés.

Para assombro de todos, a brisa se manteve até que passássemos pelas Ilhas Palau e ficássemos bem distantes de qualquer outro perigoso recife.



Numa quarta-feira, 1 de março de 1854, finalmente lançamos âncora no porto de Xangai, China, e eu estava ansioso para desembarcar. Estivéramos no mar por cinco meses e meio.

O jovem senhor Taylor apareceu no convés com suas várias malas e caixas, olhando ansiosamente para todos os lados do agitado porto e do ainda mais fervilhante litoral. Fez questão de apertar a mão de toda a tripulação e de agradecer-lhes pela viagem. Eu sabia que alguns deles pensavam que ele era um tanto maluco, mas a maioria tinha aprendido a respeitar o inexperiente missionário.

Quando Taylor aproximou-se de mim, brinquei com ele, dizendo:

— Não diga adeus! Nos veremos em Xangai!

Mas não contava que o capitão fosse um desmancha-prazeres.

— Sinto muito, Thompson, — interrompeu-nos — Xangai é uma cidade terrível e cruel; não é lugar para um menino andar à solta. Você terá que ficar a bordo do navio. Há um montão de trabalho para você fazer aqui.

Ele voltou-se para ajudar Hudson Taylor a descer a escada de corda para o escaler que o levaria à costa.

A raiva fervilhou dentro de mim. Eu tinha sido raptado e levado ao mar por vinte e três semanas e sonhava em sentir terra firme sob os pés. Sabia que ninguém podia inquirir o capitão, mas não pude me conter. Assim que o escaler afastou-se do Dumfries, puxei a manga do senhor Morris.

— Fui raptado e trazido para bordo deste navio contra a minha vontade! — protestei. — O mínimo que o senhor poderia fazer era dar-me a liberdade, agora que estamos em um porto!

Os olhos do capitão Morris se estreitaram e seu rosto tornou-se severo.

— Eu disse, permaneça a bordo, e isso é tudo! Ele voltou-se e se foi, andando altivamente.

Não podia acreditar! Não ir a terra firme? Mais uma vez senti-me como se fosse um prisioneiro.

Ficar ancorado no porto de Xangai — o qual nada mais era do que uma larga curva do sujo rio Whangpoo — foi muito pior do que estar no mar.

A monotonia de permanecer a bordo, algumas vezes quase sozinho, exceto por dois ou três marinheiros que ficavam de vigia, tornou-me mais nostálgico do que nunca.

Jeffries e o cozinheiro não me davam muito trabalho para fazer e, assim, tinha tempo de sobra para olhar para aquele exótico mundo, ali quase ao meu alcance. Dúzias de outros navios lá estavam ancorados, até mesmo alguns navios de guerra ingleses, e, entre nós, navegavam os sempre presentes "juncos" chineses, tentando nos vender arroz quente, vegetais, frutas estranhas e peças de pano para os marinheiros estrangeiros. Eu olhava atentamente as barcaças acostadas aos grandes navios, que os carregavam de chá e outras mercadorias que deveriam ser vendidas na Inglaterra ou na América.

Intermináveis dias se passaram, mas nenhuma barcaça acostou no Dumfries.

— Onde está nosso carregamento de chá? — perguntei a Jeffries uma certa noite quando retornou ao navio.

— Não conseguiremos nenhum carregamento de chá! — resmungou ele.

— Mas, por que não?

— Há uma guerra começando em Xangai!

— Uma guerra? Com quem? Não vejo nenhum navio de guerra inglês fazer nada ...

Jeffries olhou para mim com ar desgostoso.

— Não é essa espécie de guerra... É uma coisa de chineses... Um grupo de rebeldes chamados "Os Turbantes Vermelhos" está tentando dominar a parte chinesa da cidade. Não estão incomodando os estabelecimentos ingleses, caso contrário, você então veria aqueles homens de guerra dos navios ingleses caírem sobre eles.

— Mas o que é que isso tem a ver com o nosso chá?

— Suponho que a luta tenha alterado as rotas comerciais chinesas, e assim os plantadores não podem embarcar todo o chá necessário pelo rio. Com menos chá, os preços sofrem alta para o que está em disponibilidade, e agora mesmo os preços estão tão altos que a companhia não terá nenhum lucro. Sendo assim, teremos de esperar. Pode ser que as coisas fiquem melhores em alguns dias.

Senti como se alguém tivesse me dado uma paulada na cabeça. Isso não estava acontecendo!... queria ir para casa e aqui estava eu, pregado na China e, ainda mais, sem permissão de deixar o navio...

Passaram-se mais alguns dias e nada de chá. Então, numa bela manhã, Jeffries contou-me que no dia seguinte teríamos carga a bordo — só que não seria chá.

—Aiken & Companhia, os proprietários do navio Dumfries, têm escritórios aqui em Xangai, — disse-me ele. — O agente conseguiu para nós um carregamento de seda e outras mercadorias que deverão ser levadas para São Francisco. Acho que aqueles californianos enriqueceram tanto com o seu ouro que agora querem se vestir na moda — riu sarcasticamente.

— Pode ser que quando retornarmos a Shangai, daqui a seis meses ou mais, o preço do chá já esteja baixo e, assim, a Aiken poderá ter lucro com ele. Quem sabe? É assim, o negócio da navegação...

Quase desmaiei, suando frio! Três meses para ir até a América e mais seis meses para voltar à China. Então, *se tudo corresse bem*, outros cinco ou

seis meses para ir de volta à Inglaterra. E até poderia levar mais tempo! Eu não podia esperar tanto! Seriam quase dois anos! Já estaria com quatorze anos quando conseguisse chegar em casa! Minha vida me havia sido roubada porque um primeiro oficial impaciente não fora capaz de encontrar o seu grumete a tempo de o embarcar!

Quando pensava nisso, ficava com raiva até mesmo do capitão. Ele bem que poderia ter-me enviado de volta para Liverpool quando constatará que eu fora raptado, parando seu navio o tempo suficiente para que eu fosse colocado a bordo do *Sea Witch*.

Mas, ao pensar no *Sea Witch*, tive uma idéia. O porto estava cheio de outros navios. Um deles tinha que estar indo diretamente de volta à Inglaterra. — *E se eu desertasse do navio e comprasse passagem em outro clipper?* — pensei. Porém, não tinha dinheiro para fazer isso. — *Então, porque não me alistar em outra tripulação?*

Isso poderia funcionar, mas era uma coisa muito perigosa! Eu havia escutado um monte de histórias terríveis sobre ferozes capitães que flagelavam sua tripulação em alto mar. Afinal, tinha

que admitir que a vida a bordo do Dumfries não fora tão ruim assim...

Mas... dois anos? Definitivamente não poderia esperar tanto tempo! Assim, decidi arriscar e pular do navio na primeira oportunidade.

A chance veio logo depois das três badaladas do primeiro turno de vigia. O único homem de serviço fora até a cozinha para buscar algo para comer. Eu estava na amurada a estibordo quando um "junco" chinês passou tão perto de nós que eu poderia, facilmente, ter pulado para bordo. Ao invés disso, pendurei-me sobre a amurada e esperei até que ele tivesse se afastado e então, deslizei de mansinho, bem quieto, para a água. Com algumas poucas braçadas, nadei para detrás do "junco" e agarrei-me a uma corda que pendia na água suja.

Pendurei-me na corda e fui sendo rebocado para longe do Dumfries, em direção à cidade de Xangai... E também em direção a um futuro muito incerto.

Capítulo 5

Só atiraremos em você! Não o torturaremos!

O "junco" chinês que havia me rebocado através das águas barrentas do porto de Xangai, naturalmente, não ancorou na doca da parte européia da cidade, mas, no setor chinês. Escorreguei da parte traseira do pequeno barco com seu leque marrom, à guisa de vela, e nadei até a margem, cheia de lixo derramado, que ficava sob algumas lojas que se debruçavam no rio, sobre palafitas.

Quando rastejei para fora da água, ensopado e cheirando mal, devo ter me parecido com algum monstro de lama, saindo do pântano. Passei pelas lojas que se localizavam na zona portuária e entrei numa estreita e ventosa rua, caminhando em direção ao norte e esperando poder encontrar a parte européia da cidade. A rua estava cheia de gente e,

para minha surpresa, nem me notaram, mas eu certamente notava tudo e todos. Tudo era tão diferente...

Longos rabichos negros escorriam pelas costas de todos ali. Todos usavam uma túnica longa e solta sobre calças largas. Alguns puxavam carrinhos de duas rodas carregados de mercadorias diversas, e outros levavam aos ombros uma longa vara com cestas de alimentos ou baldes de água em cada ponta.

Após alguns momentos, notei algo incomum. Naquele empurra-empurra, não havia mulheres na rua. Então, vi uma mulher e uma menina mais ou menos da minha idade, trabalhando em uma espécie de barraca no mercado. Porém, a primeira coisa que notei nelas foram os pequenos e incertos passos que davam quando andavam. Parei e pude ver o porquê. Ambas tinham pés de criancinhas, pequeninos pés calçados em sapatilhas pretas. Isso era uma coisa muito estranha, realmente a mais estranha que eu tinha visto. — *Provavelmente é um defeito de nascença* — pensei.

As lojas e as construções me pareciam muito frágeis. Algumas eram feitas de ripas de bambu

trançadas juntas; outras pareciam ser cobertas por papel colorido, através do qual podia-se ver a luz, brilhando lá dentro.

Continuei meu caminho através da alvoroçada multidão e passei por prédios que pareciam ser feitos de materiais mais firmes. Eram cobertos de telhas com os quatro cantos virados para cima. Quando olhei mais atentamente, na opaca luz do anoitecer, pude ver um dragão entalhado na extremidade de cada canto virado para cima, nos telhados, o que os fazia parecer muito assustadores.

Nesse momento, vi uma outra mulher andando com os mesmos pezinhos, arrastando os passos. Seus pés eram também muito pequeninos. *Isso é muito estranho!* — pensei.

Cheiros exóticos e uma encantadora e saltitante música flutuavam através do ar enfumaçado, enquanto as refeições da noite eram preparadas em fogões de carvão. Notei então que estava faminto, mas precisava encontrar depressa o setor europeu da cidade.

Afastei-me ainda mais do porto, em direção ao norte e, de repente, as ruas ficaram desertas. As poucas pessoas que via corriam de um edifício para

o outro após perscrutar a rua, olhando para todos os lados, e fitando o céu que escurecia.

Fiquei nervoso e comecei a andar mais rápido. Quando passava por um muro de pedra, dois homens muito fortes me agarraram e me puxaram para um beco estreito. Empurraram-me de encontro ao muro e começaram a gritar comigo em chinês. Sacudi a cabeça e gritei:

— Não entendo! Não entendo!

Tentei me livrar e escapar, porém eles me espremeram de tal modo contra o muro que me tiraram a respiração.

Vindo de um lugar qualquer, um outro homem apareceu. Estava vestido em um uniforme militar, com uma vistosa espada pendente de seu lado. Com um aceno de suas mãos, fez com que os dois bandidos se retirassem. Respirei aliviado quando ele ficou de pé diante de mim, com as mãos nos quadris e um ar carrancudo e frio em seu rosto.

— Você espião! — disse ele com um gesto de seu cavanhaque em minha direção.

— Não, não! Sou somente um marinheiro, um marinheiro inglês, um grumete!

— Você espião! — disse ele novamente, em inglês.

Não era uma pergunta, era uma afirmação! Não, parecia mais com um veredicto dado por um juiz.

— Você espião dos Turbantes Vermelhos!

Com um gesto silencioso, mandou que os dois bandidos me agarrassem de novo.

— Não, esperem! Eu sou um grumete! O grumete do navio Dumfries. Ele está ancorado lá no porto. Posso mostrá-lo a vocês!

Os homens agarraram-me um por cada braço e seguiram o oficial.

— Vocês estão enganados! Como posso ser um espião?

— Vê! Você confessou! Disse: "Eu ser um espião"! Muito bom! Só atiraremos em você! Não o torturaremos! — disse o oficial por sobre o ombro.

— Não, não! — protestei, lutando para libertar-me. Ele tinha entendido mal. Mas, quanto mais eu lutava, mais firme os bandidos me seguravam e mais rápido andávamos.

De repente, ouviu-se o som de um assobio no ar, seguido por uma tremenda explosão na casa bem atrás de nós. O deslocamento de ar atirou-nos ao chão. Aturdido, olhei em torno e vi que o homem que havia ficado entre mim e a explosão estava

seriamente ferido pelos fragmentos de rochas que voaram para todos os lados. Seu corpo havia servido de escudo para mim, livrando-me de ser ferido.

Um outro assobio soou sobre nossas cabeças e metade da rua, atrás de nós, explodiu. Então, ouvi o ruído das armas de fogo em algum lugar mais adiante.

Na confusão, compreendi que ninguém mais estava me segurando. De um salto, levantei-me e comecei a correr na direção de onde viera. Virei a primeira esquina, depois uma outra e me deparei com um grupo de soldados que estavam junto a um canhão postado na rua. Uma tremenda explosão irrompeu logo que o canhão atirou, bem acima da minha cabeça. O som do deslocamento de ar deixou meus ouvidos tinindo. Cambaleei alguns passos de volta e, então, girei e corri em outra direção.

Corri, corri, até que saí em uma outra rua, onde pessoas andavam livremente.

Eu ainda podia ouvir as bombas que os canhões atiravam e o rá-tá-tá dos rifles soando a distância. Mas, estava completamente perdido. *Fique calmo, fique calmo...* — dizia para mim mesmo.

Calculei que o tiroteio não podia vir do porto ou do norte, pois era lá o setor europeu. Assim sendo, a luta tinha que ser ou no oeste ou no sul. Supus que viesse do oeste e assim comecei a caminhar na direção em que eu pensava que estivesse o norte.

As ruas no setor chinês de Xangai não eram em linha reta, assim, quando o tiroteio parava por uns breves minutos, era preciso se ter muita cautela. Depois de duas ou três voltas, estava novamente em dúvida sobre para qual lado ficaria o norte. Finalmente, atravessei uma ponte sobre um canal ou rio e cheguei a um lugar que era, obviamente, o setor europeu.

Fiquei tão surpreso com o que encontrei, tanto quanto ficara com a cidade chinesa. Esperava encontrar somente alguns rústicos prédios de madeira como uma espécie de posto avançado do governo. Ao invés disso, encontrei casas feitas de tijolos com esplêndidos jardins, duas altas igrejas e vários espaçosos prédios do governo, com três ou quatro andares.

Era noite, mas as luzes dos edifícios e os lampiões das ruas davam um suave calor à ruidosa comunidade. Havia muito poucas carruagens

puxadas por cavalos nas ruas, mas os cidadãos locais deslocavam-se muito rapidamente — se não mais rapidamente ainda — em vistosas cadeirinhas carregadas pelos velozes *coolies* chineses, uma espécie de trabalhador braçal.

Marinheiros, muitos deles falando alto e já parcialmente bêbados, vagavam em pequenos grupos, de taverna em taverna.

Senti-me bem por estar outra vez em um ambiente familiar, mas logo me lembrei de que não tinha lugar para ficar nem dinheiro para comprar comida. Os prédios do governo bem como as filiais dos escritórios de várias companhias de navegação estavam todos fechados, assim, não haveria, naquela noite, oportunidade de conseguir um lugar em um navio que se dirigisse a Londres.

Estava parado na porta de uma taverna, olhando e pensando em algum meio de conseguir algo para comer, quando ouvi vozes atrás de mim.

— Ei! Lá está o nosso grumete, Thompson!
— disse um deles.

Voltei-me e vi que os marinheiros eram da tripulação do *Dumfries* e, bem no meio deles, estava Henson, o primeiro oficial.

— O que é que você está fazendo aqui? — perguntou-me — Eu pensei que o capitão havia dito que você ficasse a bordo do navio!

Não esperei ouvir mais nada. Voltei-me e corri.

— Atrás dele, rapazes! Ele desertou do navio!

Corri três quarteirões com os marinheiros em meus calcanhares. Eu bem poderia meter-me entre as pessoas e as cadeirinhas, mais rápido que eles, mas não sabia quanto mais conseguiria correr. Foi então que virei a esquina e encontrei-me numa rua estreita; uma carroça carregada de feno estava se deslocando vagorosamente a minha frente. Parei de correr quando a idéia brilhou em meu cérebro. Pulei para a traseira da carroça, puxando meu corpo para cima. Rapidamente, mergulhei no feno e fiquei lá quietinho.

— Para onde ele foi? — perguntou um dos marujos que estava a não mais que um braço de distância de mim. A carroça chiava, um tanto vagorosamente, sobre a rua calçada de pedras arredondadas.

— Você o viu? — perguntou outro.

— Não! Mas ele tem que estar aqui por perto! — era Henson. — Ei, vocês aí, procurem entre esses

edifícios. Então, vejam se ele foi para aquele bar lá atrás, na esquina. E você, — disse ele para um outro marinheiro — corra lá para frente e veja se consegue vê-lo!

Vagarosamente, a carroça se movimentava, levando-me para a segurança. De repente, parou.

Oh, não! — pensei. — *Agora eles vão me pegar, com certeza! Ande, ande! Oh, motorista, por favor ande!*

Mas a carroça continuava parada.

— Ele não está aqui dentro, senhor — disse um dos marinheiros enquanto se reuniam em torno da parte de trás da carroça. Logo, outros chegaram para dar conta da procura.

— Aqui! Saiam do caminho, rapazes! O homem quer colocar algum feno para dentro de seu alpendre! Mas, primeiro, reviste aquele alpendre, Barclay.

Ouvi o condutor puxar um forçado, um tipo de garfo grande de ferro, da parte dianteira da carroça. Em seguida, "zing", o garfo zuniu dentro do feno, bem pertinho de mim. Meu coração quase parou de bater. Ou seria furado com aquele garfo ou então seria exposto diante da tripulação do Dumfries como desertor.

Já estava quase desistindo do meu esconderijo quando Henson falou:

— Quando nós pegarmos aquele garoto eu vou enforcá-lo no lais de verga! Ninguém deserta de um navio e vive para contar a façanha!

— O que quer dizer com isso? Não somos da armada de sua majestade! — disse uma outra voz.— Desertar de um navio não é uma ofensa que esteja sujeita à pena capital. Os tripulantes fazem isso a toda hora!

— Não quando sou eu o primeiro oficial do navio! Venham, vamos embora! Nós ainda o pegaremos!

"Crunch"! O forçado mergulhou profundamente no feno, bem perto da minha cabeça. Dois de seus grandes dentes ficaram um em cada lado de minha mão e jogaram um pouco do feno para o alto, e então pude ver as estrelas brilhando no céu. Mas ainda estava paralisado de medo.

Nesse momento, ouvi que os marujos se arrastavam de volta, andando pela estreita aléia, resmungando uns com os outros.

Enquanto eles estavam olhando para outro lado e antes que o condutor voltasse para retirar

outra garfada de feno, rastejei e pulei pela lateral da carroça.



Temendo mais a tripulação do Dumfries que todo o exército imperial chinês, decidi retornar à cidade chinesa, mantendo uma distância segura de qualquer soldado. Mas, não havia ninguém procurando especificamente por mim lá, como Henson fizera no setor europeu. De fato, ninguém parecia querer me aborrecer no setor chinês, exceto quando me atrevia a ir perto demais da área de luta.

Naquela noite, dormi nos degraus frios de um templo budista, com um grande ídolo colocado bem no alto acima de mim. De manhã, estava dolorido, entrevado e tão faminto, que pensei estar perto de morrer de fome. Alguns fiéis colocaram tigelas de arroz e vegetais perto dos pés do Buda. Uma outra mulher de andar arrastado estava com eles. Comecei a imaginar se todas as mulheres chinesas tinham pés de bebezinhos.

Quando os adoradores se foram, fui investigar o tipo de alimento que eles haviam deixado. *Talvez eu possa comer um pouquinho dele.* — pensei.

Mas sempre havia pessoas por perto, então concluí que os alimentos eram uma oferta ao ídolo.

Tentei mendigar, fazendo vários gestos com as mãos para tentar me comunicar, dizendo que queria algo para comer. Muitas pessoas se recusaram sequer a me prestar atenção, porém, algumas outras riam e me encorajavam a fazer mais. Eles provavelmente pensavam que eu estava dando um espetáculo, mas ninguém me deu comida.

À tarde, voltei à zona portuária, onde pude ver o Dumfries ancorado no porto. Uma barcaça estava acostada em sua lateral, colocando carga a bordo.

Logo, logo, o navio estaria zarpando. Considerei, pensando comigo mesmo, que talvez devesse ir ao consulado inglês, caso quisesse voltar ao Dumfries. Certamente as autoridades me protegeriam de ser enforcado e eu realmente não pensava que o capitão Morris permitisse isso, de modo algum. Porém, eu de fato não queria perder mais seis meses no mar enquanto o Dumfries navegasse para São Francisco, na ida e na volta.

Não! — decidi — Vou esperar até que ele se faça ao mar. Então voltarei ao setor europeu da cidade e procurarei um emprego em um navio que

esteja se dirigindo diretamente para a Inglaterra.
Mas, oh... eu estava com tanta fome...

Então, quando estava olhando para os navios no porto, ouvi uma jovem voz dizer:

— Você, inglês?

Voltei-me e vi uma sorridente menina chinesa mais ou menos da minha idade. Notei seu sorriso, porque a maioria dos chineses não sorriam com muita facilidade.

— Sim, eu sou inglês.

Estava agradecido por encontrar alguém — qualquer pessoa — que não estivesse me ameaçando, perseguindo ou troçando de mim.

— Qual é o seu nome?

— Mim... Inglês...

— O que?

— Você... mim... inglês!

Tateamos, tentando falar um com o outro por uns momentos, até que consegui compreender que ela queria que eu lhe ensinasse inglês. Então, tive uma idéia. Com muita dificuldade, consegui mostrar que ensinaria inglês a ela em troca de comida.

A menina pareceu ficar encantada com a idéia e apressou-se, acenando para mim com sua mãozinha para que eu a seguisse. A primeira coisa

que notei foi que ela não tinha os pés pequenos como todas as outras mulheres chinesas pareciam ter. Apontei para seus pés e fiz com as mãos um sinal para dizer que eles eram grandes. A princípio, ela corou, mas, sacudindo a cabeça, sorriu e disse: "Inglês!"

Apontando um para o outro e dizendo nossos nomes, descobri que ela se chamava Namu e contei-lhe que eu me chamava Neil. Não andamos por muito tempo até chegarmos a uma vivenda murada.

— *Se esta é a sua casa — pensei — então, pertence a uma família muito importante!*

Ela me conduziu até o portão dos fundos, fazendo-me entender — por gestos e por uma torrente de palavras chinesas, e uma ou outra palavra inglesa — que eu deveria esperar ali.

Esperei, esperei e já estava quase convencido de que ela havia se esquecido de mim ou então mudado de idéia, quando um pelotão de soldados imperiais veio marchando pela rua. Voltei as costas para eles, desejando que não me notassem, mas, quando já estavam quase junto de mim, o oficial ordenou à tropa que parasse. Ele me deu uma palmadinha no ombro e disse algo em chinês. Olhei de um lado para o outro para ver se havia jeito de

correr, mas só podia ver uniformes em ambas as direções. Então, quando tudo parecia perdido, a porta no muro deslizou em suas enferrujadas dobradiças, e Namu apareceu, sorrindo para mim.

Ela curvou-se e disse:

— Neil! — e acenou, dizendo que eu entrasse. Voltei-me e olhei para o oficial. Para meu assombro, ele curvou-se ante Namu e, então, reuniu seus soldados. Senti como se mil toneladas tivessem sido tiradas de sobre meus ombros, quando eles, marchando, retiraram-se.

Capítulo 6

O naufrágio do bom navio Dumfries

Namu conduziu-me através do jardim até uma pequena cabana de bambu que já havia sido um estábulo. Ela acenou para mim, mandando que eu me sentasse e então indicou-me, por meio de gestos e uma torrente de musicais palavras chinesas, que ia até sua casa buscar algum alimento para mim.

Quando voltou, comi avidamente o saboroso arroz, peixe e vegetais que ela me havia trazido. Agradei-lhe e comecei imediatamente sua primeira lição de inglês. Naturalmente que, para mim, era também uma lição de chinês.

— Arroz! — disse, apontando para o último bocadinho em minha tigela de madeira.

— Aaa-rroise! — repetiu ela, sacudindo a cabeça.

Mas, um momento depois, quando eu já havia "limpo" minha tigela, compreendi que ela havia entendido errado, pois, apontando para minha tigela vazia, repetiu:

— Aaa-rroise!

Esse tipo de confusão aconteceu freqüentemente naquela primeira tarde, porém, logo conseguimos melhorar nossa comunicação. Finalmente, descobri que o nome de família de Namu era Yang e que, de modo diferente do inglês, os chineses colocavam o nome de família primeiro e assim, seu nome completo era Yang Namu. Ela era mesmo uma menina muito esperta.

Fiquei muito agradecido quando ela me deixou ficar na cabana de bambu aquela noite e me mostrou como sair e entrar pela porta do muro.

Na manhã seguinte, apressei-me a ir até a zona portuária. O Dumfries ainda flutuava na névoa da manhã, e eu podia divisar trabalhadores transferindo para o cais a carga retirada de uma barçaça amarrada ao longo do navio. Desapontado, vi que ainda não era seguro para mim ir até o setor europeu da cidade.

Voltei para a cabana de bambu no jardim da casa de Namu e fiquei surpreso por encontrá-la chorando. Mas ela abriu um sorriso tão radiante quando me viu que imaginei ter ela pensado que eu tivesse ido embora.

Durante todo o dia estudamos inglês até que eu ficasse tão aborrecido que tivesse que lembrar a mim mesmo que estava trabalhando para comer. Quando pensava nisso, já não achava o trabalho tão duro assim...

Na manhã seguinte, o Dumfries já tinha partido e eu me dirigi ao consulado britânico o mais rápido que pude, mantendo-me perto da zona portuária, a fim de evitar qualquer encontro com soldados chineses. Decidi que daria queixa de ter sido raptado. Talvez eles me mandassem de volta como passageiro e cobrassem de Aiken & Companhia o valor de minha passagem por terem me raptado, em primeiro lugar.

Percebi como estava sujo e enlameado, quando o funcionário que me levou ao belo escritório do governo torceu o nariz para mim.

Em poucos instantes, estava contando minha difícil situação a um oficial de peruca branca, sentado atrás de uma enorme escrivaninha.

— Não intermediamos reclamações da tripulação! — disse ele sem ao menos levantar os olhos dos papéis.

— Mas, eu fui raptado! — protestei. — Não é da minha conta!

— Mas como irei voltar para casa?

— Não tenho a menor idéia!

Ele olhou-me, então, com as sobrancelhas bem arqueadas, enquanto suas pálpebras estavam quase fechadas, dando-lhe um ar bastante antipático.

— Parece que você tem um problema — disse ele, falando com voz fanhosa — mas, não é problema meu. Assim, vá saindo e desapareça do meu escritório antes que o empestee com seu mau cheiro!

Tentando uma saída alternativa, eu disse:

— Então, posso ser contratado para uma tripulação que esteja indo para a Inglaterra?

— Quem sabe? — disse ele, voltando sua atenção novamente para seus papéis.

Perguntei-lhe onde poderia me inscrever, mas ele recusou-se a responder qualquer outra pergunta, até que finalmente saí. Fora de seu escritório, perguntei ao funcionário onde poderia ser contratado para fazer parte de uma tripulação de navio. Ele me disse para tentar nos escritórios das companhias de navegação ou falar com um dos oficiais, quando viessem a terra.

A idéia de falar diretamente com oficiais de navios assustou-me. E se eles me raptarem de novo e o seu navio não estiver indo para a Inglaterra.

Compreendi, então, que mesmo alguém de um escritório de navegação poderia me iludir, contratando-me para o navio errado, caso estivessem com falta de empregados. Então, decidi que não importava com quem falasse, minha primeira pergunta seria:

— Você tem um navio que esteja indo diretamente para a Inglaterra nestes próximos dias?

Se a resposta fosse negativa, eu não mencionaria meu interesse em fazer parte da tripulação.

Perto da zona portuária encontrei uma série de escritórios de navegação. Havia a Fleming & Companhia, de Londres, a Turnbull, de Glasgow, a Clyde & Companhia Australiana de Navegação, a Brocklebank, de Liverpool e muitas outras. Bati em todas sem conseguir nada, e então me dirigi a Aiken & Companhia, de Liverpool — os proprietários do Dumfries.

— Bem, — disse o agente esfregando o queixo ornado por suíças e olhando para um mapa. — O nosso próximo navio não partirá antes de cinco

semanas, mas você deveria ter estado aqui ontem. O Dumfries partiu para a Inglaterra hoje de madrugada.

— O Dumfries? — engoli com esforço. — Mas pensei que ele estivesse indo para São Francisco com uma carga de seda!

— Onde você ouviu isso?

O agente inclinou-se e cravou os olhos em mim. Então, relaxou e continuou, casualmente.

— Meu... Como as novidades voam... Infelizmente, os rumores nem sempre são verdadeiros.

— O que quer dizer com isso?

O agente saiu de sua cadeira e andou até a janela do escritório.

— E verdade... Estávamos tendo problemas para conseguir chá a preços rentáveis e assim pensamos em mandar o Dumfries para a América com um carregamento de seda. Mas aí, no último minuto, fizemos um bom negócio com alguns negociantes de chá que conseguiram passar pelos Turbantes Vermelhos. E então, ele partiu para Liverpool esta manhã!

— O quê??? — murmurei. — eu não podia crer nisso... O Dumfries tinha partido de volta à Inglaterra, afinal de contas — e eu o tinha perdido...

— Eu disse: Ele partiu para Liverpool esta manhã! — virou-se repentinamente como se fosse saltar sobre mim. — Como você sabia sobre o carregamento de seda?

Sem pensar, respondi:

— Jeffries me contou!

— Jeffries, o camareiro negro? Ei... Eu sei quem você é... — olhou-me ferozmente. — Você é o grumete que desertou do Dumfries, não é?

Concordei, sacudindo a cabeça, sem conseguir falar.

— Bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa, rapazinho! — a essa altura, o agente estava gritando. — Ninguém deserta de um navio da Aiken! Vou sujar você de tal maneira que nunca mais vai encontrar trabalho em qualquer outra companhia de navegação em Xangai. Agora, dê o fora daqui!

Fora do escritório da Aiken, deixei-me cair sobre a rua calçada com pedras arredondadas, completamente arrasado. O que é que eu havia feito? Tinha desertado do único navio que poderia ter me

levado de volta ao lar, mais rápido que qualquer outro. Oh, que tolo tinha sido com a minha pressa! Mas, como poderia saber? Tinha agido somente de acordo com a informação que havia recebido. Pode ser que fosse tão-somente minha má sorte.

De fato, desde que tinha vindo visitar meus avós, em Londres, nada mais tinha dado certo.

Não tinha mais nenhum lugar para ir e assim, naquela tarde, cambaleei de volta à pequena cabana de bambu na cidade chinesa. Namu não estava lá e fiquei contente, porque assim, finalmente, não precisei mais segurar as lágrimas. Acho que qualquer um teria chorado se estivesse encalhado e sozinho do outro lado do mundo.



Fiel a sua palavra, Namu trouxe-me comida todos os dias e eu tentava ensinar inglês a ela. Mesmo assim, durante as duas semanas seguintes, fui até a zona portuária, diariamente, fazendo tentativas de conseguir um emprego em todas as companhias de navegação. Porém, o problema do preço do chá era real. A guerra civil chinesa havia feito com que os preços subissem e, àquela altura,

quase todo o comércio de chá havia cessado. O Dumfries havia sido o último navio a partir com uma carga rentável.

Os outros navios estavam ancorados no porto ou haviam sido desviados para a Austrália, América, ou até mesmo para o Japão, na esperança de conseguir uma carga que trouxesse aos seus proprietários mais dinheiro.

— Pode ser que não consigamos embarcar nenhuma carga de chá para a Inglaterra por algum tempo. — disse um dos agentes. — O chá terá de se tornar tão escasso por lá que seu preço se elevará o bastante para cobrir nossos custos aqui, e assim poderemos começar a embarcá-lo novamente. Mas, quem sabe quando isso ocorrerá?

Porém, um certo dia o agente da Clyde e Companhia Australiana de Navegação disse-me:

— Bem, o navio Geelong é esperado por esses dias e acho que: ele zarpará para Londres no dia nove de maio.

— O senhor acha que eles vão precisar de algum tripulante? Há alguma chance de eu vir a ser contratado?

— Só o capitão Bowers pode responder isso, mas você me parece jovem demais... Tem alguma experiência?

— Certamente! Eu fui grumete no Dumfries, mas aprendi muitas outras coisas enquanto estávamos no mar!

— O Dumfries? — o homem franziu as sobrancelhas. — Ei, você é o menino que desertou do navio, não é? Esqueça! Não damos emprego a sujeitos como você!

E foi assim que aprendi o que significava "estar sujo". O agente da Aiken tinha passado a todas as outras companhias que eu era um desertor e assim, não conseguia arranjar emprego.

Comecei a ficar em pânico. Será que iria ficar plantado na China para todo o sempre?

Enquanto andava, taciturnamente, de volta ao setor chinês de Xangai, pareceu-me notar algo familiar em um homem que caminhava à minha frente. Ele usava as tradicionais roupas chinesas, tinha o mesmo rabicho negro descendo por suas costas, mas seu andar tinha um certo estilo que me lembrava alguém que eu conhecia. Mas, quem? ...

Apressei o passo para conseguir alcançá-lo. Assim que cheguei mais perto, o homem virou-se e

saudou alguém, pude notar que ele tinha a pele mais clara que a maioria dos chineses. Então, vi seus olhos... Eram azuis acinzentados e pareciam estar sempre rindo.

Reconheci o homem! Era Hudson Taylor, o jovem missionário que tinha viajado comigo no Dumfries desde a Inglaterra, mas estava vestido como um chinês!

— Senhor Taylor, por que está vestido assim?
— perguntei, admirado.

Ele voltou-se, surpreso.

— Ora, ora, se não é o jovem Neil Thompson!
— disse ele com um largo sorriso em seu rosto. — Você gosta? — e curvou-se, como faziam todos os chineses ao cumprimentar alguém.

— Mas... Mas como conseguiu esse comprido rabicho negro?

Taylor colocou o dedo nos lábios e sorriu novamente.

— Shh! Não foi difícil... Tingi meu cabelo e estou deixando que cresça. Enquanto isso, uso um rabicho postiço!

E curvando-se, mostrou-me como estava preso em seu próprio cabelo.

— Mas, por quê?

O jovem convidou-me a seguir com ele.

— Eu vim para a China falar ao povo chinês sobre Jesus — não vim falar sobre roupas e costumes. Não quero que os chineses rejeitem o Evangelho só porque associam Cristo com os costumes dos homens brancos.

— Mas, você não conseguirá enganar nenhum chinês logo que eles dêem uma boa olhada em você!
— repliquei.

— Não estou tentando fazer ninguém pensar que sou um chinês, porém, os estrangeiros são odiados na China, nos dias que correm, então, por que me recusaria a adotar os modos chineses, como se achasse que meus modos estrangeiros fossem melhores? Afinal de contas, se uma pessoa está modestamente vestida, o tipo das roupas que usa não é uma questão moral!

— Mas, já vi outros missionários e todos eles usam roupas européias!

— Certo. E você sabe onde eles vivem? Sem me dar tempo para responder, continuou:

— Vivem no setor europeu e têm muito pouco contato diário com os chineses!

— E você? Onde vive?

— Numa rua mais abaixo, não muito distante da próxima ponte sobre o canal.

De repente, Hudson Taylor parou e olhou-me com curiosidade.

— Mas, chega de falar sobre mim! Conte-me como é que você veio parar aqui, Neil. Tive medo que tivesse se afogado...

— Não me afoguei. Só desertei do navio... e arruinei totalmente a minha vida. — disse eu, olhando para o chão.

— O que é que você quer dizer com isso?

Ver Hudson Taylor quase me fizera esquecer meus problemas, mas agora todos eles voltavam.

— Pensei que o Dumfries ia para São Francisco e eu não queria ir porque levaria um ano e meio para conseguir voltar à Inglaterra, queria ir logo para casa. Mas então, o Dumfries, afinal de contas, zarpou para a Inglaterra... e agora ninguém quer me dar emprego porque desertei do navio... e não tenho um tostão para a passagem. — suspirei — Foi mesmo um grande erro.

— Mas, você está vivo! — exclamou o senhor Taylor — E Deus sempre nos redime dos nossos piores erros.

— Mas é claro que estou vivo! Por que não estaria? — perguntei, taciturnamente.

— Digo-lhe que, afinal, você não afundou com o navio!

— Afundou com o navio? O que quer dizer com isso?

— Você não ouviu? — disse-me ele. — O Dumfries naufragou!

— Naufragou? — minha cabeça girava.

— Sim. Naufragou perto das Ilhas dos Pescadores, no mar da China.

— Ele naufragou... E todos morreram? Taylor sacudiu a cabeça.

— Ainda não sabem. Receberam a notícia por um outro navio que passou pelo naufrágio e disse não haver nenhum sinal de vida... É por isso que estou tão surpreso em vê-lo... Você está vivo! Estava pensando que havia cometido um grande erro, Neil Thompson, mas acho que Deus esteve tomando conta de você o tempo todo!

Estava pasmo. O Dumfries havia afundado e eu estaria nele se não houvesse cometido um "erro" e desertasse do navio...

Capítulo 7

Pés amarrados e foguetes do céu

Hudson Taylor convidou-me a ir até a sua casa, e o segui de bom grado. Mesmo em suas vestimentas chinesas e de rabicho, Taylor era um elo que me ligava ao lar e eu não queria perdê-lo. Ele vivia não muito longe do portão norte da cidade velha e, quando o sol já estava se pondo, pude ouvir os canhões e o ruído dos rifles, enquanto a guerra entre os rebeldes e o exército imperial continuava a oeste.

A "casa" de Taylor consistia de dois quartos alugados no segundo andar de um bangalô de estuque e pedra, com uma escada no exterior e um telhado plano.

— Essas suas roupas estão bastante estragadas! — notou, logo que acendeu uma lâmpada — Que tal lhe dar algo para usar? Você não se importa de usar roupas chinesas, importa-se?

É claro que não me importaria e, além do mais, isso evitaria que as tropas imperiais ficassem me fazendo parar na rua.

Taylor contou-me que vários europeus estavam mantendo os rebeldes — os Turbantes Vermelhos, como eles eram chamados — e assim, ser visto andando pelas ruas da cidade chinesa usando roupas européias fazia de qualquer um suspeito. Mas, quando experimentei as roupas chinesas de Taylor, as calças largas e as finas sapatilhas me pareceram bastante estranhas.

— Pode ficar comigo enquanto tentamos descobrir um meio de mandar você de volta para a Inglaterra. — ofereceu-se.

Aceitei sua oferta com ansiedade. Eu gostava de Namu ter-me abrigado e já estávamos começando a ser capazes de nos comunicar — um pouco em chinês e um pouco em inglês — mas, não havia calculado quanta falta estava me fazendo a companhia de uma outra pessoa que falasse a minha própria língua.

Naquela noite a luta esteve mais próxima do que nunca e quase não consegui dormir. Pessoas gritavam, berravam, batendo em gongos e sopravam trombetas feitas de conchas — tudo isso além do ruído do tiroteio e dos foguetes, o que fazia mesmo um barulho infernal durante toda a noite.

Na manhã seguinte, após comermos uma tigela de arroz frio, Taylor disse:

— Venha comigo. Depois de toda a luta desta noite tenho certeza de que terei muito trabalho a fazer!

Apanhou uma maleta preta e encaminhou-se para a porta.

— Você também decidiu se alimentar como os chineses? — resmunguei enquanto saíamos para a rua.

— E por que não?

— Porque sinto falta da comida inglesa! — disse eu. Após estar num navio por cinco meses e depois de ficar vivendo nas ruas por semanas, ansiava por alguma comida caseira.

— Huum... Verei o que posso fazer.

Mesmo com sua pouca idade — que finalmente descobri ser vinte e dois anos — Hudson Taylor havia tido algum treinamento na área médica (embora não houvesse se formado em medicina), e seu trabalho, pela manhã toda, foi cuidar dos cidadãos feridos na luta da noite anterior. Não tivemos que andar muito para encontrá-los. Quase não acreditei na destruição que meus olhos viam... casas inteiras haviam ido pelos ares. Entulho e letreiros

quebrados ainda com as coloridas letras chinesas pintadas juncavam as ruas. Crianças vagavam, chorando, entre as ruínas fumegantes.

Taylor tratou de uma mulher com uma grave queimadura no lado da cabeça, depois, de um homem que havia sido ferido à bala por um soldado. Em seguida, encontrou uma menina cujos pés haviam sido terrivelmente feridos.

— Provavelmente foi a explosão de um foguete... — murmurou — Pode me dar algumas ataduras limpas aí de dentro de minha maleta, Neil?

Após trabalhar algum tempo tentando limpar os pezinhos ensangüentados, sacudiu a cabeça.

— Sobrou mesmo muito pouco desses pezinhos... O único consolo é que ela, provavelmente, não terá que suportar a miséria de ter que andar com os pés amarrados durante toda a vida...

— Ter que andar como?...

— Ter que andar com os pés amarrados!

A menininha estava choramingando penosamente enquanto Taylor colocava um unguento sobre a carne viva e colocava as ataduras carinhosamente.

— Com esses terríveis ferimentos, tenho esperança de que seus pais não amarrem seus pés de novo... isto é, se ela ainda tiver pais...

— E por que eles amarrariam novamente os pés dela?

— É o costume. Eles atam os pés das meninas para que os mesmos não possam crescer. É um processo muito doloroso para a criança. De fato, os aleijam...

— Mas, por quê?

— Não sei bem ao certo... Alguns dizem que os Chineses acham que pés pequenos são bonitos. Outros dizem que é porque os homens chineses querem manter suas mulheres em casa. Provavelmente, você já deve ter visto mulheres chinesas caminhando desajeitadamente sobre seus pequeninos pés. Elas não conseguem andar muito nem andar tão rápido quanto o desejariam... é mesmo um terrível costume!

—Ah... — respondi, bufando — Pensei que você era aquele que defendia os costumes chineses...

Hudson Taylor fechou sua maleta preta e ficou de pé. — Nem todos, Neil. Há muitas práticas más, cruéis mesmo, nesta terra idolatra que eu desejo que o Evangelho de Jesus Cristo venha a

mudar. A respeito de comida ou roupas, acho que é tolice insistir em manter os hábitos de homem branco na China, quando os hábitos chineses nos servem muito bem. Mas o Evangelho julga a todos — seja o cruel hábito de amarrar os pés de meninhas aqui na China, ou seja, a escravidão que o homem branco impõe ao negro. Felizmente, a escravidão já é considerada fora da lei na Inglaterra, mas ainda continua na América. É um grande pecado, Neil. Um grande pecado!



Nos três dias seguintes, acompanhei o senhor Taylor enquanto ele cuidava dos feridos. Então, a luta pareceu amainar e pudemos ter algum descanso.

Fui ver Namu e contei-lhe que estava vivendo com um amigo, mas que continuaria a vir dar-lhe suas lições de inglês, sempre que pudesse.

Naquela noite, quando cheguei à casa de Taylor, o missionário colocou em meu prato algumas batatas cozidas, queijo e um pedacinho de carne salgada. Fiquei maravilhado.

— Huum... Onde você conseguiu comida de verdade? — perguntei, cravando os dentes na carne salgada.

Porém, ele não respondeu. Sentou-se à mesa, sem comer, somente olhando sombriamente para seu próprio prato.

— Mas, o que é que há? — perguntei.

— O quê?... Oh, nada, realmente...

O jovem missionário pegou o garfo e o enfiou em sua comida. Mordi o queijo e esperei. Se ele não estivesse com fome eu ficaria mais do que feliz em ajudá-lo a comer sua refeição.

Finalmente, ele deu um suspiro e falou:

— Fui ao setor europeu, hoje... foi lá que consegui a comida.

Pegou uma porção de batatas e mastigou-as, pensativamente.

— Eu me estabeleci aqui, na cidade chinesa, porque é aqui que sinto poder fazer o melhor... — disse ele, quase como se estivesse tentando convencer a si próprio — Mas, realmente, sinto-me muito só... Lá no setor europeu, pelo menos, há outras pessoas como eu... língua familiar, costumes familiares...

Concordei com ele. Eu bem sabia o que significava ser só. Estava gostando da sua companhia, mas... a Inglaterra parecia estar tão distante como um mundo de sonhos ao qual somente eu podia ter acesso. Não podia imaginar que ele se sentisse assim também. Eu, pelo menos, estaria logo voltando para casa,

— pelo menos, era o que esperava — mas o senhor Taylor teria que ficar aqui, quem sabe, por anos e anos...

— Talvez você deva se casar... — disse eu, tentando ajudar

— Uma esposa pode ser uma boa companhia...

Ele se engasgou com uma batata e então começou a rir.

— Você andou me seguindo hoje, seu patife?

Deu novamente um risinho de satisfação e começou a falar, com os olhos brilhando de admiração.

— No setor europeu, há uma escola para moças dirigida por uma missionária solteirona, a senhorita Ann Aldersey.

Assim que cheguei, ia sempre lá, pois era um lugar onde podia encontrar outros missionários e,

assim, conheci uma de suas jovens professoras... seu nome é Maria, senhorita Maria Dyer.

Parou de falar e ficou olhando para o alto, como se tivesse esquecido que eu estava ali na sala.

— Você gosta dela? — perguntei, instigando-o.

— Bem... — pareceu ficar embaraçado — Quase não tive a oportunidade de conhecê-la melhor, mas ela não pareceu ficar desconcertada por eu usar roupas chinesas. Tem só dezenove anos, mas fala um chinês excelente!

— Como é que ela aprendeu?

— Seus pais foram missionários na China e assim ela cresceu aqui. Quando eles morreram, tornou-se uma das professoras na escola para moças dirigida pela senhorita Aldersey. Contudo, a senhorita Aldersey não pode me ver... Já tentei inúmeras vezes ver Maria novamente... Ainda hoje mesmo, tentei de novo! Porém, ela dirige a escola com mão de ferro!

— "Eu não quero que uma de minhas respeitáveis professoras seja vista com alguém como você — disse-me ela hoje — Seria o escândalo do oriente!"

Rolei de rir enquanto ele imitava a solteirona senhorita Aldersey e depois disse-lhe:

— Você não vai desistir, vai?

Ele sorriu largamente e respondeu:

— Provavelmente, não. De fato, o guardião legal de Maria é seu tio que vive na Inglaterra. Mas, a senhorita Aldersey "canta de galo" no que diz respeito a ela aqui na China.

Olhei para o seu prato. De algum modo, do meio de sua pensativa melancolia, ele havia conseguido limpar o prato. Eu tinha mesmo que desistir das minhas esperanças de uma segunda porção...

Hudson Taylor levantou-se abruptamente e pegou os pratos sujos, como se empurrasse seus agradáveis sonhos com Maria Dyer para fora de sua mente.

— Mas, minha razão principal de estar na China é trazer o Evangelho aos chineses, não é fazer a corte a alguém. Amanhã, irei com um dos missionários, que fala chinês melhor que eu, pregar para as pessoas que trabalham nos barcos no rio Woosung. Você gostaria de ir?

— Claro! — disse eu.



Na manhã seguinte, alugamos um pequeno junco chinês e o seu barqueiro, e saímos para o rio. Ver os navios no porto outra vez fez-me sentir saudades de casa. Qual deles estaria indo para a Inglaterra?

Passamos o dia todo navegando pelo porto e subindo um pouco o rio. Paramos quando vimos dois ou três juncos ancorados, e o senhor Taylor e o outro missionário tentaram pregar para as pessoas. A maioria parou para ouvir, polidamente, no convés de seus barcos, mas eu podia sentir que eles não estavam nem um pouco interessados.

Tendo estado no mar por muitos meses, eu e Hudson Taylor tínhamos um tom moreno em nossos rostos e braços, mas o outro missionário ficou de um tom vermelho brilhante, com severas queimaduras de sol, quando nosso dia sobre a água terminou. Navegamos para casa quando já estava quase escuro e estávamos passando por alguns dos grandes juncos da armada imperial, quando começamos a ouvir gongos soando e os homens a bordo gritando para nós.

Nosso barqueiro ficou apavorado e gritou também para eles, falando em chinês, muito rápido.

— Eles acham que somos simpatizantes dos rebeldes e estão ameaçando nos afundar com uma bala de canhão — interpretou o outro missionário.

— Bem, diga-lhes que não somos! — ordenou Taylor ao nosso barqueiro.

— Ele bem que está tentando — disse o outro missionário — mas eles não acreditam nele...

Repentinamente, o senhor Taylor começou a cantar um hino a plenos pulmões. Naquela luz opaca, eu podia ver o outro missionário sacudindo as mãos para silenciá-lo. Então, parou de acenar e, após um instante, juntou-se a ele, cantando também. Imaginei que eles estavam tentando demonstrar, com suas canções inglesas, que eram de fato estrangeiros e não rebeldes. Era essa a primeira vez que eu via Hudson Taylor ficar feliz em dizer que era um europeu e não um chinês. Tão logo compreendi o que eles estavam fazendo, juntei-me a eles e tentei acompanhá-los.

Nós, certamente, devemos ter parecido mais com um bando de vacas mugindo na hora da ordenha do que com o coro de uma igreja, mas nenhuma bala foi disparada contra nós, e lentamente

nos pusemos a salvo. Quando ficou claro que o exército imperial não iria nos afundar, Hudson Taylor não conseguiu se conter e explodiu em uma gargalhada, bem no meio do coro do hino. Logo, logo, estávamos todos rindo tanto que por pouco não caímos do barco.

Porém, naquela noite, as batalhas nas ruas começaram novamente. Desta vez, a luta estava bem próxima.

— Aqui! — disse Taylor enquanto um foguete zunia sobre nossas cabeças — Em caso de explosão, é melhor ter isto por perto. Poderemos precisar.

Era uma bóia, um forte balão dentro de uma mala de lona que estava unido a um cinto.

— Se fecharem a ponte, ou caso seja explodida, talvez precisemos nadar pelo canal até o setor europeu — explicou.

Quando a luta se aproximou, os rebeldes assestaram um canhão no fim de nossa rua. Aquela noite o barulho foi terrível e acordamos com uma forte luz alaranjada brilhando através de nossa janela. O fogo crepitava pelas casas de madeira somente a algumas portas distantes de nós,

alimentado pela forte brisa. Trepamos no telhado plano do bangalô para poder ver melhor.

— Não queremos que esse fogo nos corte o caminho. — disse Taylor em voz preocupada.

Ele me puxou para baixo, para que nos deitássemos sobre o telhado, pois as balas pipocavam ao nosso redor. E então, no meio de todo aquele barulho, ouvi o missionário começar a orar alto; enquanto orava, o vento que alimentava o fogo cessou, e uma branda chuva começou a cair.

Nesse momento, uma bala de canhão destruiu o telhado da casa do outro lado da rua e pontudos fragmentos voaram em direção a nós.

— Vamos entrar, vamos entrar! — disse ele — e tentemos dormir um pouco!

— Dormir? — disse eu com incredulidade.

— Bem, Deus respondeu a nossa prece sobre o fogo, então, acho que podemos confiar que Ele nos guardará pelo resto da noite.

E assim foi, pois, de alguma forma, o bangalô ainda continuava de pé na manhã seguinte. Quando a madrugada chegou, a luta tinha amainado e nos arriscamos a dar uma volta pela vizinhança. As ruas eram uma confusão total de entulhos. A maioria deles não continha mais do que ruínas. Mas a maior

novidade era que os rebeldes tinham invadido nossa área da cidade, rechaçando a armada imperial. Estávamos agora em território rebelde.

De repente, as implicações de nossa situação me ocorreram. Já não poderia ir livremente para a parte européia da cidade ou à zona portuária para procurar navios que estivessem indo para a Inglaterra. Havia mais uma barreira entre mim e meu lar!

Capítulo 8

A tumba do morto-vivo

Enquanto olhava para a destruição que nos cercava, Hudson Taylor murmurou:

— Isto é terrível, realmente terrível! As pessoas sempre pensam que suas razões para fazerem uma guerra são justas, mas raramente avaliam o custo, quanto ao medonho sofrimento que trarão às pessoas comuns, como estas pobres criaturas aqui nestas ruas.

Ajudamos um homem a apagar o fogo que estava queimando o que restara de sua casa. Não sei para o que isso serviu, pois não havia nela mais nada com que ele pudesse contar para viver, mas, talvez, quem sabe, ele conseguisse resgatar alguma coisa das ruínas...

Enquanto andávamos de volta ao nosso apartamento, o missionário disse-me:

— Você sabe, Neil. Deus está sempre no controle e Ele pode usar até mesmo uma coisa diabólica como esta para o bem.

— Não vejo bem algum nisso — disse eu chutando um pouco de cascalho para fora de meu caminho. — Isso só faz o meu problema maior do que já era. Não posso ir à zona portuária para procurar um navio que vá para a Inglaterra!

— Você não pode pensar assim, Neil. Deus o ajudará a ir para casa quando for o tempo certo. Mas agora, eu lhe digo que o bem é que o interior da China está aberto para levarmos o Evangelho.

Subimos as escadas para o apartamento e empurramos a frágil porta para abri-la.

— O que quer dizer com isso? — perguntei finalmente, enquanto Taylor colocava uma tigela à minha frente, com minha primeira refeição do dia. Fiz uma careta — arroz frio...

— O tratado britânico com o governo imperial chinês diz não ser permitido aos estrangeiros ir ao interior da China, — explicou ele alegremente, enquanto despejava arroz dentro de sua própria tigela. — E muito embora mercadores façam isso, mesmo sem permissão, só nos é permitido ficar nas cidades costeiras do "tratado". Mas agora, estamos em território controlado pelos rebeldes; os tratados do governo imperial já não valem nada aqui. Poderemos ir para onde quisermos! — sorriu —

Acho que partirei amanhã! Você quer ir comigo? Precisarei de alguém para carregar minha bagagem e meus suprimentos médicos.

Mastiguei lentamente o arroz frio. Não havia nenhuma boa razão para que ficasse em Xangai. Nenhum navio poderia contratar-me e eu não poderia mesmo ir à zona portuária. Mas, a idéia de me afastar ainda mais da cidade onde estava o porto preocupava-me. E se algo acontecesse? E se ficasse doente? E se as linhas de frente da batalha mudassem de repente e fôssemos pegos em território imperial e, finalmente, nos levassem presos?

Quando perguntei ao senhor Taylor sobre esses riscos, ele os afastou imediatamente.

— Um dos termos do tratado entre o governo chinês e o governo britânico é que um cidadão britânico não será acusado de nada; ele ou ela terá sempre o direito de ser julgado em uma corte britânica. Assim, mesmo se formos pegos atrás das linhas, eles terão de nos trazer de volta para Xangai. Além do mais, estaremos de volta em uma semana ou duas, no máximo.

A viagem, ainda assim, não me parecia bastante segura, mas, na manhã seguinte, encontrei-me caminhando com dificuldade pela estrada, atrás

de Hudson Taylor, com um grande embrulho de seus suprimentos médicos nas minhas costas. Ele também levava uma pesada carga, mas quando o sol de verão atingiu o alto do céu, ao meio-dia, já estava tão empapado de suor que me perguntava por que havia concordado com essa viagem. O calor era quase insuportável.

Naquela tarde, chegamos a um canal e pagamos passagem em um junco. Navegamos durante dois dias pelo canal que corria entre tabuleiros de campos de arroz, restolho ou terra preta, pronta para o próximo plantio. De tempos em tempos, parávamos em pequenos vilarejos onde o senhor Taylor pregava aos fazendeiros e pescadores nas docas, em seu chinês vacilante. Desta vez, não tínhamos nenhum intérprete.

No fim do segundo dia, deixamos o canal e tomamos uma estrada que nos levaria a algumas montanhas próximas. Perto do cume, havia um pagode (templo chinês). O missionário sugeriu que subíssemos até lá.

— Os pagodes foram originariamente construídos para serem postos de observação — explicou — mas agora os chineses pensam que eles os protegem dos maus espíritos.

Lá do alto do pagode, ficamos surpresos ao ver que linda região rural se estendia abaixo de nós. Havia campos de trigo, cevada, ervilhas e feijões, todos dispostos como jardins. Riachos ladeados por salgueiros podiam ser vistos serpenteando entre os campos. Em torno das várias casas de fazenda, havia árvores frutíferas, assim como graciosas árvores para sombra. Na enevoada distância, divisávamos uma majestosa cidade fortificada com a cintilação dos cumes de ouro de seus templos, brilhando ao sol do entardecer.

— O interior da China... — murmurou Taylor. — Este é o lugar para onde Deus me chamou! Olhe para aquela campina, Neil. A China continua para o oeste, distando mais de três mil quilômetros, e não há aqui ninguém para falar a esses milhões de pessoas sobre Jesus Cristo.

Fiquei bastante preocupado, pensando que ele quisesse começar a caminhar pelo campo aqueles três mil quilômetros imediatamente, mas então lembrei-me de que ele prometera que estaríamos de volta a Xangai em duas semanas.

Passamos aquela noite em uma estalagem à beira da estrada, a meio caminho do sopé da montanha, e viajamos no dia seguinte para a cidade

fortificada onde o senhor Taylor pretendia pregar ao povo. Mas, a cada passo do caminho, eu me sentia mais e mais ansioso por estar me afastando tanto de Xangai. — *E se, enquanto estou longe, zarpar um navio que possa me levar de volta à Inglaterra?* — preocupava-me. O medo de perder a oportunidade de voltar tornou-se em tudo o que eu podia pensar. Tinha que achar um meio de tomar um daqueles navios.

As ventosas ruas da cidade eram estreitas e atulhadas de pessoas que corriam em disparada, por baixo de suas varandas pendentes. Estandartes tremulavam pelas ruas, e letras brilhantemente pintadas anunciavam os negócios de cada loja. Acima de cada porta havia um espelho; era tão comum que o missionário perguntou a um mercador por que todos tinham um.

— É para espantar os maus espíritos. — explicou ele — Quando os espíritos maus vêem suas feias caras no espelho, fogem assustados.

Quando chegamos a um templo, com seu telhado curvo e dragões enrascados entalhados em cada canto, Hudson Taylor disse:

— Este é um bom lugar para pregar. O povo vem aqui para fins religiosos, então, será bom falar a eles aqui.

Arriamos nossos pacotes e o ajudei a tirar da bagagem alguns folhetos e livretos em chinês para serem distribuídos àqueles que estivessem interessados. Enquanto estava descarregando o seu pacote, vi os valiosos livros e medicamentos que ele carregava e uma idéia brotou em minha mente: Esses suprimentos médicos valem um monte de dinheiro... dinheiro que poderia ser usado para comprar uma passagem em um navio que estivesse indo para a Inglaterra... Nesse momento, meus dedos tocaram em uma bolsinha de couro que continha moedas. — Mais um tesouro aqui... — pensei.

Tentei afastar essas idéias de minha mente. Hudson Taylor era o meu único amigo, afinal de contas... — mas os pensamentos não me abandonavam... Por quanto tempo mais iria esperar para ir para casa ? Estava "sujo" em todas as companhias de navegação porque desertara de um navio; ninguém mais me contrataria como tripulante. Comprar uma passagem era o único meio de voltar! Mas, eu não tinha dinheiro algum, a não ser que...

Comecei a traçar um plano. Em primeiro lugar, teria que encontrar um tempo para poder levar comigo os suprimentos e o dinheiro sem que Taylor desse imediatamente por sua falta. Depois, teria que encontrar um lugar onde pudesse vender os remédios. Os chineses não valorizavam quase nada que fosse estrangeiro, mas eu precisava obter o preço mais alto possível, e assim necessitaria encontrar alguém que soubesse o real valor dos suprimentos médicos. E, finalmente, precisaria de tempo para me afastar bastante, pela estrada de volta a Xangai, antes que o missionário suspeitasse do que tinha acontecido e viesse ao meu encalço.

Era tudo tão improvável que me permiti sonhar com isso, pensando em todos os detalhes até que, finalmente, não me pareceu tão impossível — ou tão mau assim...

Hudson Taylor estava certo sobre ser capaz de atrair ouvintes nos degraus do templo; assim que começou a pregar, várias pessoas reuniram-se à volta dele.

Normalmente, devido as nossas vestimentas chinesas, as pessoas não prestavam muita atenção a nós, em uma multidão, mas sempre que tentávamos falar, nossa dificuldade com a língua chinesa logo

nos identificava como europeus e eles nos olhavam com maior atenção. Uma vez que jamais haviam visto qualquer outra pessoa branca antes, fiquei convencido de que os ouvintes eram somente pessoas curiosas.

Contudo, assim que o senhor Taylor terminou de pregar, quatro monges budistas, em suas longas túnicas amarelas e com suas cabeças raspadas, saíram do templo e começaram a perguntar sobre nós. O missionário poderia ter respondido diretamente a eles, porém, deixou que um de seus assistentes respondesse por si, repetindo muito de sua mensagem.

Ao que conseguia entender, o homem, fervorosamente, contou o quanto Deus o amava, que todos eram pecadores, mas que Jesus morreu por eles e havia pago o preço de sua culpa.

— É verdade, verdade mesmo! — disse Taylor, obviamente encantado por ter o homem escutado sua pregação com tanta atenção.

— Honorável professor, — disse um dos monges — por favor, venha tomar chá conosco em nosso templo.

Eles nos conduziram para dentro do frio e escuro interior do templo, onde ficavam seus

alojamentos; fizeram-nos sentar em espessas almofadas de cetim, enquanto tomávamos chá verde. Trêmulas lamparinas de óleo forneciam a única luz e o forte perfume do incenso pairava no ar. O missionário fez muitas perguntas a respeito do monastério, e indagou-lhes se já tinham ouvido falar do Cristianismo.

Já tinham ouvido falar, sim. Os mercadores haviam trazido notícias das cidades costeiras sobre o Cristianismo, a religião que os homens brancos pregavam, mas não sabiam quem fora Jesus Cristo.

Finalmente, perguntaram-nos:

— Gostariam de ver o nosso santo homem? Temos muita sorte em tê-lo aqui. Ele está nos mostrando o caminho!

Naturalmente ficamos curiosos e seguimos os monges que nos guiaram, através de um jardim, até uma parede de pedra.

— Ele está aí dentro. — disse um deles, enquanto apontava para um pequeno buraco na parede, não muito maior do que a mão de um homem.

Primeiro, Hudson Taylor e eu olhamos pelo buraco. O que vi (tão escuro era o lugar que não me permitiu divisar quase nada a princípio) foi a sombra

de um homem encolhido num canto. Depois de mais algumas perguntas, compreendi que não havia nem porta nem janela naquela cela. O homem havia sido encerrado dentro de uma tumba. A única luz, ar, água ou alimento que recebia, era lhe dado pelo buraco da parede.

— Mas, por quê? — disse, em meu limitado chinês — Por que ele quer ficar lá?

— Para libertar-se do pecado. — respondeu o monge.

— E ele conseguiu? — perguntou Taylor.

— Durante muitos anos ele não tem tido contato com outros seres humanos e, assim, não pode ter pecado contra ninguém! — explicou o monge, orgulhosamente.

— Pode ser que ele não tenha pecado contra nenhuma outra pessoa, mas não é o pecado, em primeiro lugar, uma ofensa contra Deus? — argumentou.

— Bem, sim, é verdade... — admitiram.

— Então, muito embora ele não tenha ferido qualquer outro ser humano, talvez, em seu coração, tenha pecado contra Deus.

Os monges sacudiram a cabeça uns para os outros. Era possível!...

— Há uma maneira muito melhor, —
continuou o missionário.

Então, contou-lhes que Deus entende que todos nós somos fracos e pecamos uns contra os outros e contra Ele, em nossos corações.

— Então, Deus decidiu nos perdoar, mas Ele é um Deus perfeito e não pode ficar no pecado.

Todos os monges concordaram com isso. Tentar tornar-se mais santo era a meta de sua religião. Achavam que essa era a única maneira de entrar no paraíso. Assim, Hudson Taylor explicou-lhes que a morte de Jesus Cristo pagou os nossos pecados e que o débito estava saldado.

O missionário distribuiu entre os monges livretos e partes dos Evangelhos e, antes de deixarmos o templo com o seu grande ídolo de Buda, eles nos disseram que pensariam sobre o que Taylor havia lhes dito. Aquilo agradou muito ao jovem pregador.

Mas, enquanto descíamos os degraus, não podia parar de pensar naquele homem na tumba e no seu desejo de escapar do pecado. Eu sabia que tinha pecado um montão de vezes. De fato, tinha que admitir que minha idéia de roubar o dinheiro e os suprimentos do senhor Taylor era um pecado, mas

muitas outras pessoas haviam feito muito mal a mim... como me raptar e me levar para a China. Eu estava desesperado. Tinha que voltar para casa, custasse o que custasse! Mas, a pergunta continuava sempre a voltar a minha mente: Que pecado poderia ser tão terrível ao ponto de fazer um homem decidir se tornar um morto-vivo para tentar escapar dele?

Passamos aquela noite em uma pequena pousada e partimos outra vez, na manhã seguinte, andando pelas ruas da cidade, procurando bons lugares onde Hudson Taylor pudesse pregar ao povo — um mercado ao ar livre, um jardim público, os degraus de um outro templo...

Levamos o dia inteiro nisso e o missionário já estava ficando exausto quando fomos de encontro a uma procissão nada normal. Na frente, vinham dois homens com gongos; a seguir, homens com enormes chapéus vermelhos, carregando bandeiras. Seguindo-os, vinha um outro com um grande guarda-sol, à frente da maior e mais bela liteira que eu jamais havia visto, a qual era carregada por quatro homens.

Quando eles a pousaram no chão — era uma liteira de luxo, com pequenas cortinas em suas janelas —, saiu dela um mandarim (o oficial local do

governo imperial chinês). O cavaleiro, sem dúvida alguma corajoso, usava uma longa túnica de cetim, bordada com os mais finos fios de ouro e abotoada com jóias cintilantes.

Curvou-se respeitosamente e perguntou-nos se nossa viagem estava sendo agradável. Então, olhou para alguns dos livros de Hudson Taylor e comentou serem eles muito bons. Deu-nos vários outros cumprimentos e conversou conosco educadamente, até que, por fim, disse:

— Estou muito contente de travar relações com vocês, porém, os honoráveis viajantes não devem ir mais adiante.

— Obrigado, — disse Taylor — mas temos trabalho a fazer um pouco mais à frente.

— Não quero que nada de desagradável aconteça a vocês, — disse o mandarim — mas, se precisam mesmo viajar, vão descobrir o quão desagradáveis os soldados imperiais podem ser...

— Não tem importância! As forças imperiais foram rechaçadas pelos rebeldes!

— Não temos notícia alguma sobre isso, — disse o mandarim — mas, por aqui, a milícia local ainda não foi derrotada, e será por sua conta e risco o fato de descobrirem como ela é...

— Agradeço muito seu bondoso conselho, mas temos mesmo que ir...

E dizendo isso, o missionário levantou sua maleta e continuou a andar pela rua.

Não sabendo mais o que fazer, eu o seguia, mas quando fez a volta na esquina seguinte, vários soldados estavam postados de guarda na rua. Tão logo nos viram, cercaram Hudson Taylor e o agarraram grosseiramente.

— Cão estrangeiro! — gritavam eles — e começaram a arrastá-lo.

Taylor atirou-me sua maleta e gritou:

— Neil, volte para a estalagem! Guarde toda nossa bagagem lá e espere-me até que eu consiga libertar-me!

Então o arrastaram para longe.

Tudo isso aconteceu tão rápido que eu não sabia o que pensar. Estaria o mandarim certo? Estaria Hudson Taylor em perigo? Ou apenas queriam atormentá-lo?

Lembrei-me, então, do que havia me dito sobre os direitos dos cidadãos britânicos na China. Talvez ele estivesse certo. Abaixei-me para apanhar a maleta preta que ele havia atirado para mim. Mas havia fardos tão pesados nela que eu não conseguiria

carregá-los juntos; será que deveria deixar um na rua e depois voltar para pegá-lo? Percebi que a loja mais próxima parecia-se exatamente com uma loja de penhores, um lugar que comprava e vendia toda espécie de coisas.

Repentinamente, me dei conta de que minha chance havia chegado: estava sozinho com os suprimentos. Pelo que eu sabia, Hudson Taylor deveria ficar preso por algumas semanas — ou mesmo, meses... Ele não podia querer que eu esperasse tanto...

De fato, — raciocinei — devo fazer o melhor que possa para conseguir voltar para Xangai e dar parte de sua prisão. Ele precisa de ajuda!... E cá estava justamente o tipo de loja que podia comprar os livros e os suprimentos médicos...

A possibilidade de ter dinheiro suficiente para comprar passagem em um navio que estivesse partindo para a Inglaterra parecia estar bem ao meu alcance.

Capítulo 9

Traição na cidade fortificada

Muito embora os livros de Hudson Taylor estivessem escritos em inglês, o proprietário da loja ficou feliz em poder comprá-los como uma curiosidade, e também queria pagar pela bagagem, roupas extras e alguns outros itens.

Porém, disse não ter para si nenhuma utilidade os outros objetos chineses pertencentes a Taylor, assim como os textos da Bíblia.

Quando chegamos aos suprimentos médicos, ofereceu-me bem menos do que eu supunha que valeriam.

— Preciso de um bom preço por eles! — disse ao homem alto.

Ele me parecia ser mais jovem que o senhor Taylor.

— Mas, eu não posso usá-los! — respondeu-me — Teria que encontrar um farmacêutico ou um

médico para comprá-los... Quem sabe quanto eles pagariam?

— Onde posso encontrar um farmacêutico? — perguntei. O homem deu de ombros.

— Talvez lá embaixo, na rua... — e mostrou-me o símbolo chinês que identificaria o farmacêutico.

Estava quase escuro quando saí para encontrar um melhor comprador. Tinha medo de que os mesmos soldados que haviam prendido Hudson Taylor pudessem estar procurando por mim, assim, andava nas sombras tanto quanto possível.

Quando encontrei a loja com o símbolo do farmacêutico, já estava escuro. A maioria dos proprietários de lojas chinesas vivem ou em cima ou atrás de suas lojas, mas não importava o quanto batesse à porta, ninguém veio me atender. Perguntei a um passante onde havia um outro farmacêutico. Aparentemente, só havia um outro lá do outro lado da cidade, mas o que é que eu podia fazer? Talvez não devesse estar vendendo as coisas dele — pensei. — Mas já tinha começado e não podia desistir agora!

Tentei seguir as complicadas direções que me indicaram tão bem quanto pude, mas logo estava completamente perdido. Fiquei perguntando pelo endereço e assim fui sendo mandado para diante e para trás, de uma rua para outra até que, ao dobrar uma esquina que me tinha sido indicada, vi o símbolo... mas, era o símbolo da primeira loja onde havia estado, aquela onde não havia ninguém em casa.

Em desespero, voltei à loja de penhores, resignado a aceitar o preço que o homem tinha me oferecido da primeira vez. A loja estava escura e, após bater na porta por algum tempo, o homem veio finalmente atender-me, trazendo uma pequena lanterna em sua grande mão.

— Sinto muito... — disse ele quando lhe contei o que tinha acontecido. — Fiquei pensando sobre os seus remédios e não estou certo de ter algum uso para eles... Não sou médico... Como posso saber se eles são bons? Um médico ou um farmacêutico saberia, mas eu, não... E se não conseguir vendê-los? Eles realmente não me interessam...

— Mas eles são bons e eu tenho que vendê-los! Preciso de dinheiro! — protestei. Você disse que os compraria!

— Isso foi antes... Agora é agora... Eu reconsiderarei! — e deu de ombros.

Voltei-me e comecei a me afastar.

— Ei... Vejamos o que posso fazer! — gritou ele atrás de mim — Posso ver que você é um bom rapaz e, assim, farei o melhor que puder para ajudá-lo. Vou lhe pagar a metade do preço! Metade do que lhe ofereci antes!

— Metade do preço? Mas isso é um roubo! Sua oferta anterior já era baixa demais!

— Bem, não posso oferecer mais do que isso, — disse ele com um brilho demoníaco em seus olhos — e mesmo assim, estou correndo risco...

Rapidamente, tentei calcular quanto teria em dinheiro. Com o que ele tinha me pago mais cedo e com o montante encontrado na bolsinha de moedas de Taylor, mais a metade do preço dos medicamentos, eu teria cerca de quarenta libras inglesas, ou duzentos dólares, caso embarcasse em um navio americano.

Era bem apertado, mas, imaginava que teria de ser suficiente. Então, concordei. Que mais poderia fazer?

O comprador sorriu e me pagou. Então, curvou-se profundamente, quase profundamente demais, pensei comigo mesmo, como se estivesse troçando de mim.

Encaminhei-me para a porta. Finalmente, iria voltar para a Inglaterra!



Não levei mais do que uma hora para atravessar a cidade até o portão na muralha a oeste. Lá, dois guardas de aspecto grosseiro me fizeram parar.

— Fechamos os portões ao escurecer! — disse um deles — Por que alguém quereria atravessá-los à noite? Está fugindo de algo?

— Não, não, de maneira alguma! — menti.

— Então, para onde está indo?

— Para Xangai!

— Xangai? Você é um tolo! Há ladrões na estrada! Volte para casa e espere até amanhã de manhã!

— Mas, preciso partir agora! Por favor, abram o portão! —O quê? Dá um montão de trabalho abrir aqueles portões pesados. Somos pagos para abri-los uma vez pela manhã e fechá-los de novo, à noite. Quem irá nos pagar o trabalho extra que será abri-los agora?

Podia perceber que eles estavam atrás de uma gorjeta, mas estava com tão pouco dinheiro que não queria pagar nada a ninguém.

— Não há nenhuma portinhola na muralha por onde vocês pudessem me deixar passar? Assim, não precisariam abrir os grandes portões...

— Bem... sim, mas não podemos deixar nosso posto para mostrá-la a você! — disse o mais baixinho dos dois.

— Tome! — disse eu, finalmente, segurando duas moedas.

— Oh, mas que pão duro! E se o capitão vier fazer a ronda? Ficaremos em grande apuro...

Dei mais duas moedas e eles sorriram e as pegaram.

— Tudo certo! A porta é logo ali! — disseram eles, apontando para uma escura alcova que ficava a não mais que uns duzentos metros de distância.

— Você mesmo pode abrir a porta!

E eles explodiram em uma grande gargalhada enquanto eu entrava e fechava a porta atrás de mim.

Fiquei furioso por ter sido tão idiota, mas, o que mais poderia ter feito? Finalmente, estava fora da cidade e, estando uma noite tão bonita e quente, eu não poderia ficar zangado por muito tempo.

Caminhei pela estrada, todo convencido. Assim, sem nenhuma bagagem para carregar, calculava que poderia caminhar toda a noite, subir e descer as montanhas e chegar ao canal por volta do meio dia. Lá, teria que partir de novo, usando algum do meu precioso dinheiro, mas viajar de junco seria o meio mais rápido de chegar a Xangai. Se tentasse andar a distância toda, levaria muito tempo e teria que gastar dinheiro em comida e pousada para várias noites. Poderia muito bem dormir em um junco e chegar a Xangai mais rápido.

A lua nasceu e o tranqüilo jardim do dia anterior transformou-se em uma misteriosa paisagem prateada. Lá e cá, na distância, podia ver o brilho alaranjado de uma lanterna em uma das janelas das casas de fazenda. Mas, ao invés de dar-me uma sensação do conforto do lar, as lanternas me lembravam o quão distante estava de minha casa. Eu era um estranho, em uma terra estranha, e tinha

deixado meu único amigo para trás, lá na cidade fortificada, possivelmente na prisão.

Mas, ir buscar ajuda é o melhor meio de ajudá-lo! — disse a mim mesmo. — *Mas, realmente* — dizia minha consciência — *você está fazendo isso só por si próprio e para tanto roubou todos os pertences do seu amigo! E como voltará para casa?* Isso não me fez pensar coisas boas sobre mim mesmo, mas não havia mais tempo de voltar... ou havia?

De repente, notei uma sombra que me seguia a alguma distância.

Talvez seja Taylor — pensei. — *Talvez ele tenha sido solto e já tenha descoberto que deixei a cidade!*

Essa idéia provocou calafrios de medo em mim. Ele saberia que eu tinha sido um covarde, que pensara somente em mim mesmo. Por outro lado, o pensamento de que ele estava vindo atrás de mim foi estranhamente reconfortante. Eu poderia contar tudo a ele, e as coisas seriam de novo como antes.

Mas, não tinha certeza de que era Taylor. Era muito mais provável que fosse um outro viajante que estivesse caminhando na mesma direção. Só queria

saber se os guardas do portão também o forçaram a dar uma gorjeta — pensei.

Apertei meu passo, não desejando realmente que um estranho viajasse comigo — haveria perguntas demais.

Porém, a sombra também me seguiu mais rápido.

Comecei a correr.

A sombra também correu.

Corri ainda mais rápido e a sombra começou a ganhar terreno. Corríamos em campo aberto, não tendo mais nada além de campos de arroz em ambos os lados da estrada. Não havia lugar algum onde pudesse me esconder.

Finalmente, meu perseguidor aproximou-se o suficiente de mim e ordenou-me que parasse. Não era a voz de Hudson Taylor!

Estava tão exausto da corrida que não poderia dar nem mais um passo e, assim, parei e voltei-me para ele.

O homem estava ofegando tanto quanto eu, mas carregava um grande pedaço de pau. Paramos, olhando um para o outro. Finalmente, ele disse:

— Me dê todo o dinheiro agora, menino!

Calculei então, que era o dono da loja onde eu vendera as coisas do senhor Taylor.

— Por quê? — perguntei.

— Só me dê o dinheiro e pode seguir seu caminho.

Não havia outro jeito, eu tinha que dar-lhe aquele dinheiro. Mas, de repente, me virei e saí correndo. Ele correu atrás de mim, praguejando. Pensava que era um bom corredor, mas não era bom o suficiente para alguém mais velho e maior do que eu. Não conseguia enganá-lo, ziguezagueando; ele ganhou terreno indo diretamente até o centro da estrada, alguns metros mais abaixo. E podia ver que ele estava, definitivamente, ganhando de mim outra vez.

Sua respiração vinha em grandes haustos, assim como a minha. Podia ouvir seus pés tropeçando algumas vezes em uma rocha ou em um sulco e então ele praguejava, mas também tropecei e quase caí ao chão.

Continuava procurando algo fora do caminho, talvez alguma vala ou fosso para esconder-me — algo que me desse alguma vantagem. Então, eu o vi: o reflexo prateado da lua num canal. Poderia nadar.

Talvez ele não soubesse nadar e eu conseguisse escapar dele assim.

Segui furtivamente para fora da estrada, desejando não pisar em algum buraco no escuro. Ele estava quase me alcançando. Estava a uns trezentos metros do canal, depois, duzentos... Ele mantinha a distância, passo a passo...

E então, "trás"!... Eu caí! Ele havia conseguido me alcançar, colocara o seu bastão entre as minhas pernas e me passara uma rasteira!

Todo ar que havia em mim saiu de repente e quase desmaiei. Olhei para o lado e o vi, circulando ao meu redor, com um grande pedaço de madeira na mão, pronto para atacar.

— O dinheiro! — rosnou ele — Ou vou usar isto em você!

Agora eu acreditava que ele o faria.

Puxei minha gorda bolsinha e estendi-a para ele. Em um momento, ele se foi, desaparecendo dentro da noite.

Fiquei deitado lá onde caíra e chorei e dormi... e dormi e chorei até de manhã. Toda a viagem havia se tornado um desastre, e eu não tinha ninguém mais a quem culpar a não ser a mim mesmo. Eu era um ladrão e tinha sido roubado. Tinha traído e tinha sido

traído. Não estava agora em melhor condição que aquela em que deixara Hudson Taylor.

Capítulo 10

A longa estrada de volta

Quando o sol finalmente despontou sobre as montanhas, levantei-me e fui até o canal para lavar o rosto. Não tinha a mínima idéia do que iria fazer agora, ou como voltaria para Xangai, nem como conseguiria embarcar em um navio que estivesse zarpando para a Inglaterra. Mas, enquanto pensava sobre isso, imaginei que deveria ter feito o que Hudson Taylor tinha me dito para fazer em primeiro lugar: deveria ter voltado para a estalagem e esperado até que ele fosse libertado.

Mas, agora era tarde demais. Eu tinha arruinado tudo. Não havia volta. E não podia ficar parado ali no meio do nada. Finalmente, comecei a andar de volta à estrada que levava a Xangai. Sem dinheiro e sem ajuda, contudo, o caminho parecia duas vezes mais árduo e eu tinha que forçar-me a botar um pé atrás do outro para viajar até além das

montanhas. Quase nem notei o grande pagode, lá no topo.

Quando cheguei do outro lado, não tinha dinheiro para embarcar em um junco, então, comecei a andar pelo cais que ficava ao lado do canal. À noite, encontrei um cantinho escuro em uma moita e caí adormecido, exausto. Andei, dia após dia, perguntando às pessoas que encontrava pelo caminho se ainda estava na estrada que levava a Xangai. Meus pés estavam cheios de bolhas e feridos e eu estava quase morto de fome. O único alimento que conseguira fora alguns pêssegos que roubara de um pessegueiro em uma fazenda e um peixe, parcialmente podre, que encontrara à beira do canal.

Certa manhã, acordei sob uma árvore onde tinha caído adormecido e senti que estava muito doente. Talvez tivesse sido o peixe podre, talvez a água ruim que andara bebendo, talvez fosse malária, não sabia o que era, mas tinha uma febre terrível. Fiquei de pé a muito custo, determinado a continuar, pois não havia ajuda para mim ali.

Não tenho idéia do quanto andei sob o sol quente, mas quando fiz parar um fazendeiro que

dirigia um carro de bois e perguntei-lhe a que distância estava de Xangai, ele me disse:

— A uma grande distância, se você continuar a andar nessa direção. A estrada para Xangai está atrás de você.

Não sabia dizer se tinha me desviado do caminho ou se — tendo acordado com febre — tinha começado a andar em direção contrária.

Ele notou o quanto eu estava confuso e viu que não me sentia bem.

— O honorável rapazinho desejará uma carona? Posso levá-lo até onde não possa mais se desviar do caminho.

Curvei-me e agradei, subindo logo para a traseira do carro.

Após algumas horas, ele parou e apontou para uma estrada que ia numa nova direção. Agradei-lhe e descii. Ele chamou-me quando já me afastava.

— Ei, acho que você está precisando disto mais do que eu! — e deu-me seu grande chapéu redondo, feito de bambu.

O chapéu foi um salva-vidas naquele dia, enquanto cambaleava sob o sol quente.

À tarde, comecei a passar por casas e mais casas até que compreendi que estava nos arredores

de Xangai. Tentei apertar o passo, olhando ansiosamente para ver se conseguia encontrar algo para comer e também pensando em dormir em minha cama, no apartamento de Hudson Taylor, ainda naquela noite.

Decidi que deixaria minhas coisas e que me mudaria no dia seguinte. Não queria estar lá quando ele chegasse novamente a casa porque, certamente, mandaria prender-me por roubo.

Um reluzir rosa brilhante ainda pairava no céu ocidental quando dobrei a esquina da rua em que morava o missionário, naquele cair da tarde.

A febre tornara meu corpo doentio e todas as coisas me pareciam estranhas. Andei meio aturdido e, então, repentinamente, estava lá... ou pensei que estivesse... Mas, não estava... Eu não estava na casa de Hudson Taylor. De fato, não havia ali casa nenhuma — só uma pilha de pedras e entulho.

Olhei à minha volta. Talvez, em minha confusão, tivesse tomado o caminho errado. Mas, não! O portão norte da cidade velha assim como a ponte sobre o canal que margeava o setor europeu estavam perto. Eu tinha que estar no lugar certo. Era como se a casa tivesse sido arrasada.

Mais abaixo, na rua, vi um pelotão das tropas imperiais arrastando prisioneiros pelos rabichos.

— Não, não! — gritava um deles — Não deixem que eles me matem!

— O que está acontecendo aqui? — perguntei a um menininho que vinha correndo lá do lado da confusão.

— Eles vão decapitá-los!

— Mas, por quê? — perguntei.

— Eles são rebeldes!

Bem... As forças imperiais tinham retomado a cidade. Ao olhar em torno, pude ver que a destruição havia sido tremenda!

Não era só a casa de Hudson que havia sido destruída. A maioria dos edifícios estava em ruínas e as paredes que ainda se mantinham de pé tinham buracos ou estavam queimadas. Somente uma ou outra casa, ou loja, haviam escapado.

Exausto, sentei-me e devo ter adormecido, pois estava completamente escuro quando alguém — ou alguma coisa — encostou-se em mim. Um cão sarnento estava empurrando meu ombro e rosnava mansamente para mim.

De repente, me veio o pensamento de que ele iria me comer. Eu tinha ouvido histórias nas quais os cães selvagens por vezes comiam parte dos corpos de pessoas mortas durante a batalha, antes que fossem recolhidos pela manhã, para os funerais.

Pulei e gritei com ele, que saiu correndo, ganindo, com o rabo entre as pernas.

Na manhã seguinte, andei pelas ruas que me eram familiares e que agora pareciam estranhas, pela ação da guerra. Centenas de pessoas sem lar vagavam por ali. Algumas estavam feridas, outras, nem tanto, mas andavam desorientadamente, sem rumo, com um olhar fixo e vazio.

Isso veio me lembrar que eu, provavelmente, parecia-me com um deles, mesmo que a causa do meu infortúnio fosse eu mesmo, e não a guerra.

Não tinha idéia do que fazer e assim, finalmente, decidi ir até a casa de Namu, desejando que a mesma ainda estivesse de pé e que pudesse me abrigar novamente. Mas, quando finalmente cheguei lá, minhas esperanças foram destroçadas. O portão dos fundos estava aberto e muitas pessoas estavam dentro do recinto. Entrei pelo portão e vi que uma espécie de hospital tinha sido montado ali no jardim de Namu. Toldos haviam sido colocados por toda a

parte, desde o muro do jardim, a fim de prover sombra para os feridos.

Então, com um grande alívio, vi Namu. Ela era uma das pessoas que atendiam os feridos. Andei vagarosamente até onde estava ajudando uma velhinha a tomar água de uma caneca de folha.

— Namu? — falei baixinho. Ela voltou-se e correu para mim.

— Neil! Pensei que você havia morrido... A casa do senhor Taylor... — ela bateu as mãos —... nada, nada... Pensei que você estivesse morto!

Contei-lhe que tínhamos feito uma longa viagem e que estava um tanto adoentado, mas estava bem.

— Você já comeu? — perguntou-me.

Era somente arroz puro — nem mesmo qualquer vegetal — mas, pela primeira vez, estava sinceramente grato pelo alimento branco e grudento.

Nos dias que se seguiram, fiquei com Namu, ajudando-a a cuidar dos feridos e dos sem-teto e recebi, em troca, comida e um lugar para dormir. Acomodava-me em um dos cantos do muro do jardim, sob um dos improvisados toldos, como qualquer um dos outros ali. Havia várias pessoas que cuidavam dos feridos. Uns ficavam lá e outros iam e

vinham a cada dia, provavelmente dormindo em suas próprias casas — mas ninguém nunca me aborreceu perguntando quem eu era ou por que estava ali.



Após duas semanas, o jardim já estava quase vazio. Muitos dos feridos haviam morrido. Outros, tinham se recuperado e deixado o local, e outros, que estavam mais gravemente feridos, haviam sido transferidos para outros lugares com melhores condições para atendê-los.

Também já estava me sentindo melhor. A febre já passara e minhas forças estavam retornando, mas meu espírito estava mais triste do que nunca.

Depois que o apartamento de Hudson Taylor havia sido destruído, eu já não tinha nenhuma roupa européia para usar para ir à zona portuária tentar conseguir um emprego em um navio. Eu me orgulhava de já falar chinês razoavelmente bem, por aquela época, mas, provavelmente, também parecia e agia como se fosse mesmo um chinês. Não era muito provável que o capitão de um navio quisesse contratar-me.

Então, um dia Namu trouxe-me uma carta.

— Esta carta veio endereçada a mim, mas, por dentro, está escrita em inglês. Pode lê-la para mim?

Abri a carta com curiosidade e, imediatamente, vi que estava assinada por Hudson Taylor e escrita para mim.

Caro Neil Thompson:

Se esta carta o encontrar, então terei imaginado corretamente o seu paradeiro.

Estou feliz em poder contar-lhe que, após ter sido detido pelo mandarim por somente um dia, fui liberado sem nenhuma punição. Contudo, como você pode imaginar, não fiquei feliz ao descobrir, perguntando aqui e ali, que você havia vendido todas as minhas coisas na noite anterior e deixara a cidade.

Não posso imaginar porque me abandonou, deixando-me sozinho e roubando-me. Não imaginou que eu não teria meios de retornar a Xangai? Eu não tinha dinheiro para comprar uma passagem em um junco ou para comida e alojamento, caso decidisse voltar para casa a pé. Afortunadamente, Deus toma conta de mim e arranjou para que um junco que trazia a mala postal direta trouxesse-me até

Xangai, mais rápido do que eu teria conseguido vir por qualquer outro meio.

Poderia ter mandado prendê-lo e até fiquei bem tentado a fazer isso. Porém, Cristo nos ensina a pagar com o bem o mal que recebemos, e, assim, não tocarei num só fio de seu cabelo. Não consigo entender por que você fez o que fez, mas, sinceramente, eu o perdôo.

Minha casa foi destruída pela guerra na noite anterior à minha chegada,...

De repente, compreendi que, viajando em um rápido barco de correio, Hudson Taylor havia chegado a Xangai vários dias antes de mim. Talvez Deus estivesse mesmo tomando conta dele. Continuei a ler:

...e, como tão poucas casas ficaram de pé na parte chinesa da cidade, estou vivendo agora no setor inglês. Tenho um pequeno apartamento, mas ainda tenho um quarto para você, caso queira voltar a viver comigo.

Eu o perdôo, Neil. Por favor, aceite o meu perdão. Gostaria de vê-lo novamente.

Sinceramente, J. Hudson Taylor

Não podia acreditar em meus olhos. Primeiro, pensei que pudesse ser um truque. Taylor iria

mandar prender-me assim que aparecesse, imaginava eu. Mas então, compreendi que, como ele sabia onde eu estava, poderia ter mandado me prender ali, na casa de Namu, quando quisesse. Talvez não fosse um truque afinal de contas.

Dobrei a carta e coloquei-a em meu bolso.

— Leu a carta? — perguntou Namu.

Tentei explicar-lhe que a carta era realmente para mim. Ela não conseguia entender até que lhe disse ser do Dr. Taylor. Então compreendeu que, na verdade, a carta me era dirigida.

Minhas esperanças começaram a crescer. Finalmente, eu teria de novo um lugar para viver. Hudson Taylor dissera que eu poderia ir e viver com ele... Mas, passou-se aquele dia, e mais outro, e eu não fui vê-lo e nem mesmo respondi a sua carta.

Eu queria ir, mas não conseguia.

Naquela noite, as moscas e a poeira no pisoteado jardim de Namu estavam, particularmente, muito desagradáveis. *Por que não vou?...o que é que há comigo?...* — perguntava-me — Não fazia sentido ficar ali. Estava na miséria, mas não estava, realmente, precisando de mais nada. Forcei-me a imaginar por que hesitava e, finalmente, a palavra

"culpa" veio à minha mente. Sentia-me culpado demais para encarar Hudson Taylor.

Pensei no santo homem, lá naquela tumba, e compreendi por que alguém pode querer desaparecer quando comete uma coisa muito errada. Mas, muito embora pensasse que era exatamente aquilo que eu tinha feito, sabia que rastejar para dentro de um buraco não era uma coisa assim tão boa.

Guardei a carta do senhor Taylor e a lia, dia após dia. *Hudson Taylor diz que me perdoa, então por que não consigo sentir-me perdoado?* — pensava — Talvez fosse porque o que eu tinha feito fora uma coisa bem baixa. Era terrível demais para ser perdoado!

Capítulo 11

O furacão dos apaixonados

Um belo dia, Namu me sugeriu que eu poderia ganhar dinheiro chamando cadeirinhas de aluguel.

— Não é muito dinheiro, mas os europeus pagam... pagam uma gorjeta — acho que é assim que vocês dizem — só para que se consiga uma condução para eles.

— Como é que é isso? — perguntei.

— Alguém precisa de uma cadeirinha de aluguel e aí você a consegue para ele. Então lhe dão a gorjeta.

— Eles me pagarão por isso?

— Sim, sim. Eu já os vi fazer isso. Venha! Eu vou lhe mostrar! Ela agarrou minha mão e começou a correr pela empoeirada rua em direção a ponte que ligava o setor europeu à cidade chinesa. Eu já estava quase sem respiração, quando viramos uma esquina e quase derrapamos ao parar.

— Lá! — disse ela apontando para um chinesinho parado perto da porta de um dos prédios governamentais — Ele é um "chamador"!

Ele me parecia mais um pedinte, e eu disse isso a Namu.

— Olhe só para o Neil! — disse ela, rindo.

Olhei para minhas próprias roupas, as mesmas que eu vinha usando havia semanas. Estavam sujas e esfarrapadas.

— Acho que você tem razão. — disse a ela — Suponho que eu também esteja parecendo um pedinte.

Eu hesitava ainda. E se alguém me reconhecesse? Estava pensando que havia roubado Hudson Taylor. Na verdade, sua carta me dissera que ele tinha me perdoado, mas, e se ele tivesse mudado de opinião? E se tivesse contado a alguém sobre o roubo e essa pessoa houvesse decidido que haveria de me prender? Contato diário com os ingleses significava risco.

Mas, Namu me assegurou que os europeus não eram assim tão observadores.

— Os chineses sabem que você não é chinês, mas e os ingleses? Eles nos olham sem realmente

nos ver. Não é uma coisa honrosa, mas para você é muito bom. Ninguém o notará.

Enquanto estávamos conversando, um grande e pesado homem inglês saiu do edifício, e o chinesinho correu pela rua para conseguir uma cadeirinha de aluguel para ele. E do jeitinho mesmo que Namu me falara, quando ele trouxe a cadeirinha, o homem lhe deu uma moedinha antes de subir.

Naquele mesmo dia fiz uma tentativa, embora fosse difícil encontrar pessoas que necessitassem de cadeirinha e já não houvesse um menino, ou mais, esperando para alugar as cadeirinhas para elas. Ainda assim, eu tinha uma grande vantagem: Eu sabia falar em inglês — embora tentasse falar da maneira quebrada que Namu falava, para parecer que era chinês.

Logo que os europeus notavam que eu falava inglês, diziam freqüentemente:

— Precisarei de uma cadeirinha dentro de uma hora! — ou — Tenha três cadeirinhas aqui, amanhã, de manhã cedo.

E assim, eu conseguia um monte de trabalho.

A princípio, esse trabalho deu-me a esperança de poder economizar dinheiro suficiente para comprar minha passagem de navio, de volta para a

Inglaterra. Mas, quando eu imaginava que, mesmo nos melhores dias, não conseguia ganhar mais do que uma mãozinha cheia de centavos, meu coração mergulhava em desespero outra vez. Levaria um ano ou dois para conseguir economizar o suficiente para comprar uma passagem, pois eu tinha ainda que gastar algum dinheiro em comida.

Contudo, alugar as cadeirinhas ajudou-me a conhecer melhor a parte européia de Xangai, e logo pude reconhecer muitas das pessoas da cidade. Descobri também onde ficava a escola para moças da senhorita Aldersey, e logo pude ver quem era a senhorita Maria Dyer, a jovem professora por quem Hudson Taylor estava apaixonado.

Quando me familiarizei com as casas e os escritórios dos missionários, descobri onde Taylor estava vivendo: na casa de uns missionários que se chamavam Jones.

Descobrir onde ele estava vivendo era o mesmo que ser capaz de ficar sempre longe dele. Namu estava certa; os ingleses realmente não prestam atenção ao povo chinês. Olhavam através de mim como se eu realmente não estivesse ali.

Como Namu me dissera, não era um hábito muito honroso. De fato, isso me fez sentir-me como

ninguém... Certamente era uma forma muito desrespeitosa de se relacionar com alguém. Mas eu sabia que Hudson Taylor era diferente, e isso me fazia sentir medo. Ele se preocupava com os chineses como pessoas individuais, não como "massas amarelas". Se ele se aproximasse de mim o suficiente para poder olhar-me no rosto, certamente me reconheceria.

Assim, eu me mantinha distante do novo lugar onde ele agora vivia... embora, algumas vezes, parasse e o olhasse a distância, perguntando-me se ele realmente poderia ter me perdoado — e sentindo muita falta de sua amizade...

Então, um dia, uma série de estranhas circunstâncias fez nascer um novo plano em meu cérebro.

Chamei uma cadeirinha para uma missionária. Embora ainda estivéssemos de manhã, ela estava vestida com roupas finas, como se estivesse indo para um concerto à noite. Um instante antes de subir, ela me disse:

— Estou indo à casa do Reverendo e da senhora Joneses para tomar chá e para o encontro de oração das senhoras. Quero uma cadeirinha quando

tudo estiver terminado. Tenha uma esperando por mim, por volta das duas horas.

— Sim, senhora. Estarão lá muitas senhoras?

— Espero que vá todo mundo. — disse ela friamente enquanto subia e era carregada pela rua.

Eu a segui, fazendo cálculos de quantas cadeirinhas eu deveria chamar mais tarde, nesse mesmo dia. Quando chegamos à casa dos Joneses, escondi-me, não querendo ser visto por Hudson Taylor, caso ele estivesse lá. Em alguns minutos, notei que a solteirona senhorita Aldersey e suas jovens professoras da escola de moças vinham chegando a pé. A senhorita Maria Dyer — a "namorada" (que era como eu pensava nela) de Hudson Taylor — estava entre elas.

Eu não estava longe do portão dos Joneses quando a senhora Jones saiu de casa para cumprimentar as senhoras que chegavam. Na troca de cumprimentos, a senhorita Aldersey perguntou:

— O seu prezado marido está em casa hoje?

— Não! — respondeu a senhora Jones — Ele e Hudson Taylor estão pregando esta manhã além do Salão de Jesus. Mas, estarão de volta ainda esta tarde.

À menção do nome de Hudson Taylor, a senhorita Aldersey enrijeceu-se e seguiu em frente, passando pela senhora Jones de nariz empinado. Certamente, Taylor estava certo acerca de sua antipatia por ele.

Enquanto eu esperava lá fora, uma outra idéia pipocou em minha mente:

Hudson Taylor não ficaria mais com raiva de mim se eu conseguisse arranjar um encontro entre ele e a mulher que amava. Meus pensamentos corriam. Se eu conseguisse colocá-los juntos, talvez conseguisse ter de novo a amizade de Taylor.

Sentei-me sob uma árvore em um dos lados da rua e tentei imaginar um plano.

— Talvez se eu fizesse uma cadeirinha pegar a senhorita Dyer e levá-la até onde Hudson Taylor está pregando... — pensava.

Mas não havia um motivo para que ela tomasse uma cadeirinha, caso não a houvesse chamado e, além do mais, as mulheres da escola de moças tinham vindo andando...

— E se eu escrevesse um bilhete para ela pedindo-lhe que me encontrasse em tal lugar e assinasse o nome de Hudson Taylor?

Tirei do bolso a carta do missionário e tentei imaginar se eu poderia copiar sua letra... não muito bem... Além do mais, isso seria desonesto e, se eu queria ficar de novo bem com Hudson Taylor, eu sabia que tinha que jogar limpo.

Pensei, pensei, mas não conseguia imaginar um bom plano.

Lá de dentro da casa dos Joneses, podia-se ouvir as mulheres cantando os hinos que alguém tocava ao piano. Soavam como um coro de anjos e, por uns momentos, lembrei-me de estar sentado ao lado de minha mãe no banco da igreja, lá na Inglaterra, enquanto a bela música se estendia sobre nós. Tive uma repentina saudade e gostaria de estar na igreja novamente... Mas, sacudi as lembranças que me pareciam tão improváveis agora.

Enquanto a manhã continuava, grandes nuvens se formavam e o céu tornou-se terrivelmente escuro. Uma feroz tempestade estava se aproximando do sudeste pelo rio. De onde eu estava, podia ver bem o porto e vi que, em um dos mais novos navios que estavam ancorados, os marinheiros subiam pelo cordoame.

Daquela distância, os homens pareciam formigas rastejando pelos lais de verga, enquanto

trabalhavam ativamente para recolher as velas que haviam sido deixadas soltas para secar. Seria mesmo uma grande tempestade.

O vento tornava-se quente e úmido à medida que a tempestade se aproximava. Tudo estava quieto e parado, e então, do fundo das nuvens escuras que estavam sobre o rio, vi um furioso pedacinho de nuvem cinza serpentear em direção ao chão. Abriu caminho como uma tromba de elefante tentando pegar um amendoim e, sempre que o redemoinho tocava o chão, ele se tornava todo negro.

Meus olhos se arregalaram. Um furacão!

O monstro dançava, sugando a terra e escombros, e então desceu a montanha em direção ao rio. Eu estava fascinado e, ao mesmo tempo, aterrorizado. O rio estava muito cheio naquele ponto, mas, e se ele viesse pelo rio e despencasse na cidade de Xangai?

Comecei a olhar para os lugares próximos, procurando para onde correr para me abrigar. A única coisa que pude ver foi uma pontezinha de pedra sobre um lago para patos, em um parque logo mais abaixo na rua. Comecei a me dirigir para a ponte, com os olhos presos no redemoinho, enquanto ele seguia sobre o rio.

Acima da água, ele tornou-se uma tromba d'água prateada, sugando o rio, tal como havia sugado a sujeira da terra. O estranho funil estava ainda, provavelmente, a uma milha de distância de mim, mas eu já podia escutar seu selvagem troar — um persistente e agudo som que crescia firmemente, cada vez mais alto.

Comecei a correr para a pontezinha de pedra, quando vi a cabeça do redemoinho ir direto para um junco chinês — de fato, um barco bem grande. Em um minuto, o junco estava lá e, no próximo, tinha se ido.

Eu nunca tinha visto algo ser sugado para dentro de um furacão. Estava bem lá... E então, não estava mais... Mas, na metade de segundo em que o funil havia se aproximado do junco, pude ter uma idéia do tamanho da coisa. Era monstruoso! Acho que ele poderia ter facilmente pego um navio de guerra britânico.

Mergulhei sob a ponte bem no instante em que o vento adquiriu uma força descomunal. Comprimi-me contra a lama juntamente com um casal de assustados patos, enquanto um pensamento me atravessava o cérebro:

— O que faria se um furacão caísse sobre você enquanto estivesse no mar, a bordo de um navio?



Mais tarde, testemunhas disseram que o furacão não atingiu a cidade, que se voltara e saltara para o centro do rio, sugando toneladas de milhares de galões de água, quando se foi. Acreditei nelas porque alguns minutos após eu haver me abrigado sob a ponte, começou a chover como eu nunca tinha visto em minha vida. Era uma chuva suja, cheia de lama, grama e paus. Mais tarde, vi peixes mortos nas ruas, provavelmente sugados juntamente com a água do rio e então, atirados do céu.

Choveu tanto que, em quinze minutos, o lago dos patos transbordou e encheu o lamacento lugar sob a pontezinha onde eu havia me refugiado. Eu estava muito assustado para sair, porém, não havia outro jeito; eu me afogaria, caso ficasse.

Embora usasse meu chapéu de bambu — o qual eu tinha amarrado com firmeza sob o queixo, e ele afastasse um pouco a chuva, a água caía tão forte que me senti como se estivesse me faltando o ar.

Então, tão rapidamente quanto tinha começado, a tempestade passou. Atrás das nuvens, o céu abriu-se em um brilhante dia de sol e tudo parecia ser um novo mundo.

De algum modo, não era um exagero! Caíra tanta chuva que a rua tinha se transformado em um rio e a água chegava quase aos meus joelhos. Eu chapinhava, espantado de ver como as coisas pareciam diferentes.

Quando cheguei até a casa dos Joneses, as mulheres estavam todas na varanda, tagarelando assustadas e apontando para a enchente em torno delas. Muito embora ainda não fossem duas horas, ofereci-me para conseguir cadeirinhas para elas. Era óbvio que nenhuma daquelas senhoras, vestidas com seus lindos vestidos, poderia ir a pé para casa.

Rapidamente, aceitaram minha oferta e eu comecei a chamar para elas cadeirinha após cadeirinha.

Foi então que um plano para colocar juntos Hudson Taylor e a senhorita Maria Dyer pipocou em minha mente. A senhora Jones havia dito que seu marido e Taylor não demorariam muito a chegar a casa. Com tão terrível tempestade, parecia-me provável que eles estivessem quase chegando agora.

Então, fingindo estar honrando as mulheres mais velhas, atendi-as em primeiro lugar, fazendo com que a senhorita Aldersey tomasse logo uma cadeirinha e ficando assim, a jovem senhorita Maria para trás, na varanda, para uma corrida mais tarde.

Mas, quando todas as outras mulheres já tinham sido levadas, despedi todas as outras cadeirinhas, dizendo aos carregadores delas que estavam sendo necessárias em algum outro lugar da cidade.

A pobre Maria Dyer foi deixada lá, de pé na varanda, com a senhora Jones.

Fiquei olhando à curta distância. Logo, logo, o Reverendo Jones e o senhor Taylor vieram chapinhando, de volta a casa. Mesmo a distância, pude ver que o rosto de Hudson Taylor se iluminava. Eu sabia que era essa a oportunidade que ele esperava há tanto tempo. Vi quando os Joneses convidaram os dois jovens a entrar em sua sala para conversar. Esperei lá fora por um tempo que me pareceu horas. As coisas não poderiam ter saído muito ruins, pois Maria não saíra da casa, mas eu estava curioso. O que estaria acontecendo lá dentro?

Já estava quase escuro quando o missionário, Maria e os Joneses vieram para a varanda. Falavam

e riam tão francamente que eu sentia que as coisas tinham ido muito bem. Mas, eu não tinha idéia de quão bem elas estavam até que o Reverendo Jones perguntou:

— Qual foi a data que marcaram para o casamento?

— Casamento? — pensei eu.

— Não marcaremos uma data até que eu receba a permissão de meu tio que está na Inglaterra. — disse Maria timidamente.

— Mas, depois disso, você será o primeiro a saber, meu amigo. — disse Taylor.

Então, segurou Maria pela cintura e beijou-a... Bem ali na varanda.

Tornei-me loucamente corajoso e saí detrás da moita onde tinha me escondido.

— Posso chamar uma cadeirinha? — falei em meu fingido inglês quebrado.

— Você pode me chamar uma cadeira ou uma mesa ou qualquer coisa que quiser! — rugiu Hudson Taylor, incapaz de segurar seu riso. — Porque esta noite, eu sou, definitivamente, o homem mais feliz da China!

Então, inclinou-se para frente, perscrutando as sombras da noite e gritou:

— É você, Neil Thompson?

— Sim, senhor. Sou eu. — disse, engolindo em seco.

— Bem, venha até aqui e conheça a minha noiva, a senhorita Maria Dyer.

Abri o portão e caminhei vagarosamente pela lamacenta vereda. Eu queria cumprimentá-la, mas, estava com tanto medo por ter sido descoberto que eu mal sabia o que dizer. Então, ouvi Taylor me dizer:

— Vá, rapaz, e consiga uma cadeirinha para a senhorita Dyer.

Enquanto corria, pude ouvi-lo dizer:

— A propósito, foi você quem chamou todas as cadeirinhas para as senhoras, mais cedo?

— Sim, senhor.

— Calculei! — disse-me ele. — Oh, escute, quero que você volte aqui e me conte o que tem feito.

— Oh, não! — pensei — Agora, eu realmente vou chegar a ele.

Capítulo 12

A passagem no Geelong

Tão logo Maria foi colocada na cadeirinha em seu caminho de volta para a escola de moças da senhorita Aldersey, Hudson Taylor voltou-se para mim.

— Maria disse-me que você parecia não querer chamar uma cadeirinha para ela, mais cedo, quando todas as outras senhoras se foram. É verdade?

— Acho que sim... — disse eu.

— Compreendo... — disse ele, esfregando o queixo e parecendo muito pensativo.

Os Joneses disseram então boa noite e entraram, deixando-nos sozinhos na rua. Ele voltou-se novamente e disse-me:

— Sente-se melhor agora?

— Me-melhor sobre o quê? — tartamudeei, olhando meus pés e pernas salpicados de lama. Após

alguns instantes tentando me fazer de bobo, falei em voz baixa:

— Você quer dizer... sobre eu ter fugido com suas coisas?

— Certo! Você se sente melhor, agora que tornou tudo maravilhoso para mim?

Pensei sobre isso. Estava feliz por ter conseguido juntar o senhor Taylor e a senhorita Dyer, finalmente... mas, não, não me sentia nada melhor.

— Não! — admiti. — Foi uma coisa terrível, o que fiz!

— Sim, foi mesmo... Mas, você não recebeu a minha carta? Eu já o perdoei!

Encolhi os ombros, sem saber o que dizer. Tinha pensado sobre isso muitas vezes. Distraidamente, minha mão puxou a carta que ele me tinha escrito, mas ainda assim não me sentia perdoado. A culpa ainda estava sobre mim, como um grande peso, e, falando a verdade, não me sentia muito confortável em falar com ele naquele momento.

Finalmente, ele disse:

— Neil, há uma razão por que você não consegue se sentir melhor. Não importa quanto tempo você tente se esconder de mim ou quanto tente mascarar isso, fazendo lindas coisas para mim — como fez hoje — ainda assim não se sentirá livre! Você fez a coisa mais maravilhosa do mundo para mim, mas isto não o fez sentir-se melhor, fez?

— Não.

— Você não consegue sentir-se melhor porque ainda não *aceitou* o meu perdão.

Pela primeira vez, atrevi-me a olhar o seu rosto.

— Não compreendo...

— Tudo que você precisa fazer é confessar seu pecado sinceramente e, então, aceitar o meu perdão. — explicou-me — Mas, você tem que se convencer e aceitar. É o mesmo com Deus. Ele nos oferece o presente da salvação — você sabe, já me ouviu pregar — mas, não nos sentimos bem até que o aceitemos.

Ele voltou-se para a casa dos Joneses.

— Venha até o meu quarto para tomar um chá. — disse-me — E andamos até a casa, em silêncio.

Vagarosamente, tudo o que me dissera começava a fazer sentido.

Depois que um quente e verde chá foi derramado em pequenas xícaras brancas, disse a Hudson o quanto estava sentido pelo que lhe havia feito. E então, como dissera da primeira vez, reafirmou que me perdoava sinceramente.

No que lhe dizia respeito, o que tinha acontecido lá na cidade fortificada estava esquecido, morto e enterrado.

— Obrigado! — suspirei, com as lágrimas ardendo nos olhos e, pela primeira vez, desde aquela terrível noite na estranha cidade do interior, quando tinha vendido tudo o que ele possuía, um grande peso pareceu rolar de sobre mim. Era verdade! Eu me sentia livre!

Ele passou o resto da noite contando-me sobre todas as vezes que tentara, sem sucesso, encontrar-se com Maria Dyer.

— Mas, a inflexível senhorita Aldersey estava determinada a manter-nos afastados. Ela até mesmo fez com que Maria me escrevesse uma carta, dizendo não querer ver-me novamente. Aquela carta partiu meu coração, porém, tudo o que eu pensava era que não podia acreditar nela.

— E por que não? — perguntei.

— Não estou bem certo, mas, a redação áspera com que fora escrita não me parecia o jeito como Maria me diria algo... mesmo se ela realmente não quisesse mais me ver. Pensei e pensei e, em minha mente, isso me soava mais como a maneira de falar da senhorita Aldersey. Finalmente, criei coragem e escrevi um bilhete para Maria e o enviei, secretamente, pedindo para falar com ela.

— Ela não veio, mas uma de suas amigas me disse que, mesmo querendo me ver, ela estava tentando obedecer à senhorita Aldersey. E que somente me encontraria se Deus arranjasse as coisas, e não por seus próprios esforços ou os meus. Acho que foi aí que você e o furacão entraram na história. — disse Taylor.

Então, ele começou a rir e, dessa vez, eu ri também. Rimos até que nossas barrigas começaram a doer.



Hudson Taylor insistiu para que eu ficasse com ele outra vez, dessa vez na casa dos Joneses.

Continuei economizando o dinheiro que ganhava alugando as cadeirinhas e com outros serviços esporádicos que eu conseguia, mas o desespero de conseguir economizar o bastante para voltar para casa me consumia. O único alívio veio quando contei a Taylor sobre estar ficando com saudades de casa.

Ele admitiu que, freqüentemente, também se sentia atacado pela saudade da Inglaterra. Aquilo me surpreendeu. Sempre pensara que, por ter ele escolhido ser um missionário e usar roupas chinesas, queria ficar na China.

— Eu quero, realmente, ficar na China. — explicou-me — Mas, primeiramente, porque Deus me chamou para estar aqui. Isso não significa que não haja vezes em que não deseje voltar para casa. Tenho profunda saudade de minha família.

— Mas, Deus não me chamou — ponderei, tentando mostrar-lhe como meus sentimentos eram diferentes dos seus, e que ele possivelmente não conseguiria entender o quão aborrecido era, para mim, estar longe de casa.

— Sim. — disse ele — Bem, há algumas coisas que nós não podemos entender. Mas,

podemos orar por uma maneira de fazê-lo voltar para casa!

Sabia que ele estava falando a sério, na manhã seguinte, quando insistiu para que eu me juntasse a ele e aos Joneses em suas orações, e cada um deles orou, especificamente, por mim.



No dia 1 de março, fazia um longo e miserável ano que eu estava na China. Naquele dia, Hudson Taylor irrompeu pela cozinha dos Joneses e anunciou:

— Neil, achei um navio que vai levá-lo para casa!

— Um navio? Qual? — dizia eu, enquanto pulava de contentamento.

— Encontrei o capitão de um navio, o capitão Bowers, um grande homem cristão. Ele me quer, e a um outro missionário, para ir para o sul, até Suatáu, uma cidade portuária não muito distante de Hong'' Kong. Diz ele haver uma desesperada necessidade do Evangelho por lá, e ele está querendo nos dar passagem grátis no seu navio, se quisermos ir.

— Mas, e eu? Suatáu ainda fica na China!

— Sim, mas isso é no caminho para a Inglaterra, e parece que o capitão Bowers está precisando de um grumete no Geelong.

O Geelong... o Geelong... Eu sabia que já tinha ouvido falar naquele nome nada comum antes, e, de repente, lembrei-me. O Geelong havia sido um dos primeiros navios a levar chá para a Inglaterra, depois que os preços ficaram altos demais com a guerra. Meu coração deu um salto.

— O que é que há? — perguntou Taylor — Pensei que você tivesse gostado!

— Eles não vão me querer! — disse. — Eu quase embarquei nesse navio ano passado, mas o agente ouviu sobre a minha deserção do Dumfries e estava determinado a me "sujar" também...

— Não se preocupe, — sorriu — eu já contei ao capitão tudo o que aconteceu e é ele quem toma a decisão final sobre sua tripulação. Você já tem um emprego e irá para casa, se quiser. Zarparemos antes do final de semana!

Os dois dias seguintes foram cheios de preparativos e eu ajudava Taylor e seu amigo a obter os suprimentos que necessitariam para uma missão tão curta em Suatáu. Tentei ajudar de todas as maneiras que pude, especialmente porque Taylor

passava todos os minutos vagos com Maria — a despeito da senhorita Aldersey continuar com suas objeções.

Na noite antes de nossa partida, a senhorita Dyer estava visitando Hudson Taylor na casa dos Joneses, quando aconteceu de eu entrar e pegá-los se beijando na sala de estar. Maria pulou e colocou a mão em seu rosto vermelho, mas o senhor Taylor disse:

— Desculpe-nos, rapaz. Agora que estamos oficialmente noivos, temos que recuperar o tempo perdido, entende?

Naquela noite, quase não consegui dormir enquanto revivia em minha mente, vezes sem conta, tudo o que me tinha acontecido durante o último um ano e meio. Cedo, pela manhã, com uma tímida madrugada deslizando no céu oriental, saí da cama e andei pelo frio ar de março. Pela última vez eu andava pelas ruas de Xangai vestido como um menino chinês.

Ia dizer adeus à Namu... Eu estava indo para casa!

Fim

Um pouco mais sobre Hudson Taylor

James Hudson Taylor nasceu em 1832 em Barnsley, Yorkshire, Inglaterra. Sua forte família cristã era metodista. Realmente, John Wesley visitou uma vez a casa de seus avós (ver Livros de Aventura: “O Resgate do Limpador de Chaminés” — sobre John Wesley).

Quando criança, Hudson recebeu em casa suas lições e declarou-se interessado em ser um missionário na China, quando tinha apenas cinco anos de idade. Porém, somente ao completar dezessete anos é que entendeu realmente o Evangelho e ofereceu sua vida a Cristo.

Pouco depois, foi para o colégio a fim de preparar-se para ser um médico missionário. Durante esse tempo, esforçou-se ao máximo para começar a aprender a língua chinesa dos mandarins.

Em 19 de setembro de 1853, embarcou para a China sob o patrocínio da Sociedade Evangélica Chinesa. Sua viagem no navio Dumfries e seus primeiros dois anos e meio na China incluíram todos os fatos relatados neste livro (e muitos mais), exceção feita ao menino Neil Thompson, que é uma personagem fictícia.

A despeito da contínua oposição da senhorita Aldersey, que assim se manteve até o dia de seu casamento, Hudson Taylor e Maria Dyer casaram-se no dia 20 de janeiro de 1858,... com as bênçãos do tutor de Maria, seu tio, o senhor Tarn', que vivia na Inglaterra.

Contudo, não se pode negar que Hudson Taylor foi um missionário nada comum em sua época, o que granjeou-lhe a desaprovação de alguns. Ele não somente insistia em usar roupas chinesas (para ser melhor recebido pelos chineses), mas também acreditava que a Bíblia ensinava a não termos nada.

Ficou também muito impressionado com a fé de George Müller (veja Livros de Aventuras: "O Bandido das Colinas Ashley"), um inglês que, em seu tempo, conseguiu cuidar de dez mil órfãos sem pedir dinheiro a ninguém. Como Müller, Hudson

Taylor também acreditava que os obreiros cristãos não deveriam pedir dinheiro, mas, ao invés disso, deveriam orar a Deus, pedindo a Ele que suprisse suas necessidades.

Como resultado dessas diferenças, Hudson Taylor demitiu-se da Sociedade Chinesa de Evangelismo e continuou seu trabalho missionário por si próprio. Deus não somente proveu todas as suas necessidades físicas, como também abençoou seu ministério entre os chineses, resultando desse trabalho muitas conversões.

Contudo, em 1860, após exaurir-se como diretor do Hospital Missionário de Londres, em Ningpo, China, Taylor ficou tão doente que ele e Maria tiveram que retornar à Inglaterra. Lá, trabalhou traduzindo o Novo Testamento para o dialeto chinês Ningpo e recrutando novos missionários para a China.

Durante esse tempo, o interesse de Taylor pelo interior da China ficou tão forte — estimulado pela lembrança de suas próprias viagens missionárias — que ele fundou a Missão para o Interior da China. Em 1866, Hudson, Maria e mais um grupo de novos missionários voltaram para a

China a fim de iniciar novos ministérios no interior do país.

Para grande tristeza de Taylor, Maria morreu em 1870 de cólera. Essa tragédia ocorreu não muito tempo depois que o quinto filho do casal veio a falecer, devido à mesma doença. Dois anos mais tarde, Taylor tornou a se casar, desta vez com a senhorita Jennie E. Faulding, líder do ministério de mulheres em Hangchow.

Sob a liderança de Hudson Taylor, o pioneirismo da missão floriu e esparramou-se por todo o interior da China até que, perto de sua aposentadoria, em 1901, oitocentos missionários — quase metade dos missionários evangélicos naquele país — estavam na Missão para o Interior da China. Uma outra notável realização foi que, pela primeira vez, esses missionários representavam várias denominações, todas querendo cooperar na divulgação do Evangelho.

J. Hudson Taylor morreu em Changsha, em 1905.